



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA**

**Violência Física e Verbal Contra Docentes Nas Escolas Da Rede
Pública No Estado Do Amapá Nos Anos de 2017 e 2018**

Rosilene Maria Lopes Gomes

**Belém – PA
2019**



Violência Física e Verbal Contra Docentes Nas Escolas Da Rede Pública No Estado Do Amapá Nos Anos de 2017 e 2018

Rosilene Maria Lopes Gomes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Segurança Pública.

Área de Concentração: Segurança Pública, Justiça, Conflitos e Cidadania

Linha de Pesquisa: Políticas, Gestão, Direitos Humanos, Criminalidade e Tecnologia da

Informação

Orientador: Prof. José Gracildo de Carvalho Júnior, *Dr.*

Coorientadora: Profa. Maély Ferreira Holanda Ramos, *Dra.*

Belém-PA

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

G633v Gomes, Rosilene Maria Lopes Gomes.
Violência Física e Verbal Contra Docentes nas Escolas da Rede Pública no Estado do Amapá nos Anos de 2017 e 2018 / Rosilene Maria Lopes Gomes Gomes, . — 2019.
79 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. José Gracildo de Carvalho Júnior Carvalho Júnior
Coorientação: Prof^a. Dra. Maély Ferreira Holanda Ramos
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Relação professor aluno. 2. Agressão verbal. 3. Policiamento escolar. I. Título.

CDD 301.633

Violência Física e Verbal Contra Docentes nas Escolas da Rede Pública no Estado do Amapá nos Anos de 2017 e 2018

Rosilene Maria Lopes Gomes

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, para a obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública, no Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará.

Belém-PA, 21 de fevereiro de 2019.

Prof. Silvia dos Santos Almeida, *Dra.*
(Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública)

Banca Examinadora

Prof. José Gracildo de Carvalho Júnior, *Dr.*
Universidade Federal do Pará - PPGSP
Orientador

Profa. Maély Ferreira Holanda Ramos, *Dra.*
Universidade Federal do Pará - PPGSP
Coorientadora

Profa. Silvia dos Santos de Almeida, *Dra.*
Universidade Federal do Pará - PPGSP
Avaliadora Interna

Profa. Andréa Bittencourt Pires Chaves, *Dra.*
Universidade Federal do Pará - PPGSP
Avaliadora Interna

Prof. Alessandro Sobral Farias, *M.Sc.*
Instituto de Educação em Segurança do Pará
Avaliador Externo ao PPGSP

Prof. Fabrício Martins da Costa, *Dr.*
Universidade do Estado do Pará
Avaliador Externo ao PPGSP

HOMENAGEM

Á Deus por que sem ele nada seria possível!

Á Nossa Senhora de Nazaré pela benevolência materna!

As minhas amadas filhas Emanuelle Cristine Gomes Luz e Ariana Cristine Gomes luz,
pelo incentivo, pela parceria e por serem minha motivação!

Aos meus pais, Nina Maria Lopes Gomes e Raimundo Sampaio Gomes pelo amor e
pelo exemplo.

A minha família, às minhas sobrinhas e em especial ao meu querido irmão e amigo de
todas horas e de toda a vida Marcos Giovanni Lopes Gomes.

A amiga Cintia Walker Beltrão Gomes, pelo companheirismo, apoio e incentivo!

A Ellen Lima e Elson Tavares, minha Gratidão.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Gracildo de Carvalho Júnior, pelo conhecimento transmitido, pelo desafio, paciência e dedicação. Sua parceria fraterna me ajudou a vencer essa etapa. Obrigada Professor, serei sempre grata!

À minha Coorientadora, Professora Dra. Maely Ferreira Holanda Ramos, pela compreensão, paciência e disposição. Sem a sua valorosa contribuição não teria sido possível. Obrigada pelos conhecimentos repassados nessa caminhada tão árdua e de tantos percalços.

À Universidade Federal do Pará, por me proporcionar desde a graduação grandes ensinamentos que foram fundamentais para a minha vida. Minha gratidão a essa Instituição basilar da sociedade Paraense pelo trabalho ímpar que desenvolve com ética, e compromisso.

Ao professor Edson Marcos Leal Soares Ramos, ex-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, o pela sua dedicação ao Programa.

Aos funcionários da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública pelo empenho e dedicação.

A todos os meus colegas da turma do mestrado 2017 que contribuíram para minha formação com suas experiências e conhecimentos.

Ao Comando Geral da Polícia Militar do Município de Macapá no Estado Amapá, pela colaboração preciosa para com esta pesquisa.

Aos nobres colegas professores das escolas campo pela disposição em contribuir com essa pesquisa por meio de suas experiências e vivências, meu respeito e gratidão.

RESUMO

GOMES, Rosilene Maria Lopes. **Violência física e verbal contra docentes nas escolas da rede pública no estado do Amapá nos anos de 2017 e 2018**. 2019. 79 f. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil, 2019.

Esse estudo teve como objetivo analisar que fatores estão relacionados as práticas de violência presentes no contexto das escolas públicas de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante os anos de 2017 e 2018. Realizou-se Pesquisa documental e Pesquisa de campo mediante estudo qualitativo e quantitativo, com coletas de dados realizadas a partir de Dados estatísticos fornecidos pela Polícia Militar do Estado do Amapá, e em 2 (duas) Escolas da rede pública estadual do município de Macapá/AP. A coleta foi realizada por meio de questionário aplicado a 47 docentes, e de entrevistas semiestruturadas aplicadas a 7 docentes das duas escolas campo, para obter informações sobre a violência escolar. O material foi tratado por meio da Análise descritiva, Teste estatístico de Qui-quadrado e de Análise de conteúdo. O resultado da pesquisa quantitativa apontou que o Policiamento Escolar realizou diversas ações de combate a violência de cunho preventivo e coercitivo nas escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, implicando na apreensão de armas e drogas e munições no ambiente escolar. Os testes estatísticos realizados demonstraram homogeneidade significativa ao nível de 5%, quanto a atuação dos 4 batalhões da polícia militar no Estado do Amapá, durante a implementação da maioria das ações policiais realizadas nas escolas. Contudo, verificou-se que a violência no ambiente escolar persiste a despeito das ações implementadas pelos agentes de segurança pública. O resultado da pesquisa qualitativa evidenciou violências verbais, ameaças de alunos a professores, consideradas na literatura como incivildades, agressões verbais entre alunos, depredação da escola, uso de drogas na escola, e a insegurança devido os ataques a escola. Observou-se que as causas atribuídas a essa violência, deriva de acordo com os entrevistados de falhas na orientação familiar dos alunos e da flexibilidade da sistemática de avaliação da aprendizagem. Concluiu-se que a violência se apresenta de maneira ampla e contínua, e atinge a todos os sujeitos na escola. Constata-se que a escola é um lugar inseguro, e a violência é percebida por todos, porém o enfrentamento é discreto, e os projetos de prevenção não partem de um coletivo, mas de iniciativas fragmentadas.

Palavras chaves: Relação professor aluno. Agressão verbal. Policiamento escolar.

GOMES, Rosilene Maria Lopes. **Physical and Verbal Violence Against Teachers in Public School Schools in the State of Amapá, in 2017 and 2018. 2019.** 79 f. Dissertation (Master's in Public Security) Postgraduate Program in Public Security, Federal University of Pará, Belém, Pará, Brazil, 2019.

ABSTRACT

This study aimed to analyze which factors are related to the violence practices present in the context of the public schools of Macapá and Santana, in the State of Amapá, during the years of 2017 and 2018. Documentary research and field research were carried out through a qualitative and quantitative study, with data collected from statistical data provided by the Military Police of the State of Amapá, and in two (2) Schools of the state public network of the municipality of Macapá / AP. The collection was done through a questionnaire applied to 47 teachers, and semi-structured interviews were applied to 7 teachers of the two camp schools to obtain information about school violence. The material was treated by descriptive analysis, chi-square statistical test and content analysis. The results of the quantitative research indicated that School Policing carried out several actions to combat violence of a preventive and coercive nature in the public schools of the municipalities of Macapá and Santana, in the State of Amapá, implying the apprehension of weapons and drugs and ammunition in the school environment. The statistical tests carried out showed a significant homogeneity at the 5% level, regarding the performance of the four battalions of the military police in the State of Amapá, during the implementation of most of the police actions carried out in the schools. However, it has been verified that violence in the school environment persists despite actions taken by public security agents. The result of the qualitative research evidenced verbal violence, threats from students to teachers, considered in the literature as incivility, verbal aggression among students, school depredation, drug use in school, and insecurity due to attacks on the school. It was observed that the causes attributed to this violence derives according to the interviewees from failures in the family orientation of the students and the flexibility of the systematic evaluation of learning. It was concluded that violence presents itself in a broad and continuous way and reaches all the subjects in the school. The school is an insecure place, and violence is perceived by all, but the confrontation is discreet, and prevention projects do not start from a collective, but from fragmented initiatives.

Key words: Relation teacher student. Verbal aggression. School policing.

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 2 - ARTIGO CIENTÍFICO 1

Tabela 1. Teste Qui-Quadrado de Homogeneidade do Tipo de Intervenção Positiva Realizada nas Escolas em Relação ao Batalhão de Polícia Militar Que Executou as Ações nos Municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante o Ano de 2017.

Tabela 2. Teste Qui-Quadrado de Homogeneidade do Tipo de Ações Repressivas Realizadas nas Escolas em Relação ao Batalhão de Polícia Militar Que Executou as Ações nos Municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante o Ano de 2017.

Tabela 3. Teste Qui-Quadrado de Associação Entre o Tipo de Apreensão Realizada nas Escolas em Relação a Cada Batalhão de Polícia Militar Que Desenvolveu a Ação nos Municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante o Ano de 2017.

Tabela 4. Teste Qui-Quadrado de Associação Entre os Municípios e as Ocorrências Mensais de Crimes nas Escolas Públicas nos Municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, Ano de 2017.

Tabela 5. Teste Qui-Quadrado de Associação Entre os Municípios e as Ocorrências Diárias de Crimes nas Escolas Públicas nos Municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, Ano de 2017.

CAPÍTULO 2 - ARTIGO CIENTÍFICO 2

Tabela 1. Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto a Sua Qualificação e Atuação Profissional.

Tabela 2. Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto a Sua Satisfação Profissional.

Tabela 3. Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto a Percepção e Tipo de Violência Sofrida.

Tabela 4. Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto a Atitude Tomada Em Virtude da Violência Sofrida.

Tabela 5. Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto aos Sintomas Apresentados após ser Vítima ou Testemunha de Violência.

Tabela 6. Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto ao Local e Pessoas Envolvidas no Ato de Violência.

Tabela 7. Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto ao Tipo de Violência mais Praticada e Utilização de Drogas Ilícitas.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 2 - ARTIGO CIENTÍFICO 2

Figura 1: Grau de Satisfação dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto a Presença Policial no Interior e Entorno das Escolas.

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO 2- QUADRO 1: Categorias, Frequência e Unidades de Registro Para Aplicação da Nuvem de Palavras no Corpus da Pesquisa Utilizada pelo *Software* de Análise Qualitativa.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	12
1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1. JUSTIFICATIVA E IMPORTÂNCIA DA PESQUISA.....	16
1.2. PROBLEMA DA PESQUISA	19
1.3. OBJETIVOS	20
1.3.1. OBJETIVO GERAL.....	20
1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	20
1.4. HIPÓTESES.....	20
2. METODOLOGIA.....	21
2.1. NATUREZA DO ESTUDO.....	21
2.2. LÓCUS E AMOSTRA DA PESQUISA QUANTITATIVA.....	22
2.3. PARTICIPANTES DA PESQUISA QUALI - QUANTI E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.....	23
2.4. MATERIAIS DE PESQUISA QUALITATIVA E QUANTITATIVA.....	24
2.5. PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS.....	24
2.6. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS.....	24
2.7. PESQUISA QUANTITATIVA.....	24
2.7.1. ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS DADOS.....	25
2.7.2. ANÁLISE DE ASSOCIAÇÃO DAS VARIÁVEIS E ANÁLISE DE HOMOGENEIDADE DAS CATEGORIAS.....	25
2.8. PESQUISA QUALITATIVA.....	26
2.8.1. FONTES DE DADOS.....	26
2.9. QUESTÕES ÉTICAS.....	26
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	27
3.1. O CONTEXTO DA VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	27
CAPÍTULO 2 – ARTIGO CIENTÍFICO 1.....	32
CAPÍTULO 2 – ARTIGO CIENTÍFICO 2.....	39
CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS, RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS E CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIEDADE.....	64
REFERÊNCIAS CAPÍTULO 1.....	66
APÊNDICE I.....	72
APÊNDICE II.....	75
ANEXOS I - DIRETRIZES PARA SUBMISSÃO DE ARTIGOS PARA A REVISTA CIENTÍFICA IJDR.....	78
ANEXOS II - DIRETRIZES PARA SUBMISSÃO DE ARTIGOS PARA A REVISTA CIENTÍFICA EDUCAR EM REVISTA.....	79

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES GERAIS

1.1 INTRODUÇÃO

A violência escolar em todo o mundo vem se constituindo num problema social de determinações complexas, e muitas pesquisas têm sido realizadas no intuito de compreender essa problemática que não se apresenta como algo simples e de fácil compreensão. Nos estudos de Ortega e Mora-Merchám (1997) os autores evidenciam que essa temática começou a ser estudada nos países escandinavos no início dos anos 70, e paulatinamente atingiu a Inglaterra, Holanda e Espanha, e os Estados Unidos e Japão por volta de 1992.

Santos (2001) afirma que na França esse fenômeno é debatido desde 1981, no âmbito da Federação da Educação Nacional, entidade que em 1994 organizou um colóquio sobre violência na escola e a missão educativa. Nesse colóquio se concluiu que a violência está ligada a uma sociologia da exclusão, e cita o exemplo do Canadá evidenciando que a violência nas escolas daquele país apresentava uma configuração marcada pelas variedades étnicas, e culturais ali existentes que demonstram que há uma determinação social de que os jovens reproduzam a violência que experimentam em seu meio social. A exemplo desse colóquio em 1997 em Utrech-Holanda, foi organizada a primeira Conferência da Comisión Europea sobre Seguridad em La Escuela, cujo objetivo central era a necessidade de se ter escolas mais seguras.

No Brasil Ortega e Mora-Merchám (1997) afirmam que esse tema começa ser discutido nas pesquisas acadêmicas no final dos anos 80 e início dos anos 90 a partir da redemocratização do país com os trabalhos de Zaluar (1992), Fukiu (1992), Adorno (1992). Candau (1999) contribui ao sistematizar o que o universo dos professores compreendia sobre violência escolar nesse período, e Sposito (2009) sistematizou a produção de conhecimento, num esforço sistemático do que foi produzido sobre Juventude e Escolarização cobrindo questões referentes ao período de (1980 a 1998) dedicado somente à área da Educação, e mais adiante faz um recorte temporal (1999 a 2006) para o levantamento das dissertações e teses que abarca inúmeros aspectos entre juventude e escola.

Os debates mais intensos com relação a essa temática no Brasil tiveram seu ápice no final dos anos 90 devido à explosão da violência nas escolas, quando no ano de

1998, realizou-se na cidade de Maringá um Encontro Nacional que reuniu o judiciário, a polícia, funcionários da secretaria de educação, e 38 representantes de escolas de todo país. Nesse encontro se constatou um quadro caótico e preocupante instalado nas escolas brasileiras, o que ratifica a importância das pesquisas nessa área do conhecimento.

De acordo com Ristum (2001) as manifestações de violência podem ser encontradas em diversos ambientes sociais. Porém, a escola por natureza é um local onde se encontra uma enorme diversidade de pessoas, variadas formas de educação e valores familiares, culturas, religiões etnias, orientação sexual e classes sociais, o que nos permite refletir sobre a função social da escola e também sobre os inúmeros atos de violência ocorridos nas escolas brasileiras que se configuram pela violência entre alunos, de aluno contra professor, da escola contra professores e alunos, de professores contra os alunos, e entre os demais profissionais que compõem a escola.

Fialho e Ferreira (2011) confirmam esse quadro ao afirmarem que nas instituições de ensino no Brasil, especialmente nas escolas públicas, a violência é intensa, e muitos conflitos se dão a partir de desentendimentos entre estudantes e professores o que demonstra a complexidade da escola brasileira. A violência vem acompanhada de outros fatores que não começam nem terminam na sala de aula e sofrem influência da violência vivida no meio familiar ou social e podem ter consequências negativas em todos os aspectos da vida do aluno.

A Pesquisa Nacional sobre Violência, Aids e Drogas nas Escolas, que resultou no livro *Violência nas Escolas* (UNESCO/2002) é um dos estudos mais abrangentes em se tratando dessa questão. Demonstra que a violência escolar sempre resulta da interseção de três conjuntos de variáveis independentes: o institucional (escola e família), o social (sexo, cor, emprego, origem sócio espacial, religião, escolaridade, status sócio econômico) e o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões).

Autores como D'Aurea-Tardeli e Paula (2009) e Medrado (1995) denunciam em seus estudos questões referentes a gravidade da violência nas escolas brasileiras com relação aos casos de homicídios, os atos de vandalismo e o abandono estatal a que estão submetidas grande parte das escolas brasileiras, e as consequências negativas que repercutem na aprendizagem e no convívio saudável no ambiente escolar. Abramovay

(2016) em estudo recente, acerca da percepção dos jovens sobre a violência na escola brasileira traz dados que confirmam que essa violência supera as incivildades e podem se apresentar por meio de atos violentos que atentam contra a vida.

Fatores como esses acabaram por trazer às escolas públicas Brasileiras a presença policial, em virtude dos ataques e a insegurança causada pela violência. Esse tipo de ação policial é muito discutido no Brasil, desde os anos 90. Estudos como o de Lucas (1997) mostrou que medidas repressivas e policialescas não são eficazes para diminuir o índice de violência nas escolas. Nascimento e Trindade (2008) afirmam que a presença policial pode trazer um clima de segurança a instituição escolar, mas é necessário que a escola não transfira aos profissionais da segurança pública a responsabilidade de resolução de conflitos.

Com o decorrer dos anos estudos como de Lopes, Lucas et al. (2012) apontam que a presença do policiamento escolar nas escolas é uma das formas mais utilizadas atualmente de “minimizar” a violência nesses locais, e se dá pela permanência do Policiamento escolar nos arredores e até mesmo no interior das escolas, como uma medida de prevenção e de intimidação aos possíveis agressores.

Nesse sentido, esse estudo pautou-se por analisar as relações existentes na escola visando identificar as diversas violências que se dão cotidianamente na escola e seu entorno que aumentam, se diversificam e tem como foco central a relação professor e aluno. As violências são representadas pelas agressões verbais e físicas, as ameaças, o desrespeito à autoridade docente, e a desestabilização emocional do professor que se configura por violência psicológica. Analisa-se ainda as invasões, depredações, furtos, e roubos a que estão expostas as escolas da rede Pública de Ensino de Macapá, no Estado do Amapá.

Para a construção deste trabalho, foi realizada uma pesquisa documental e pesquisa de campo, no formato qualitativo e quantitativo. O levantamento de informações sobre violência na escola e seu entorno foi realizado na base de dados do CIODS/PM (Centro Integrado de operações de Segurança) do Município de Macapá no Estado do Amapá. Os dados da pesquisa qualitativa foram obtidos em duas escolas da rede pública estadual, no Município de Macapá, por meio da aplicação de questionários e de entrevistas semiestruturadas para obter os dados sociodemográficos, a relação dos

docentes com a profissão, e a percepção da violência sofrida no contexto escolar pelos professores.

Esta dissertação divide-se em três capítulos. O Capítulo 1 versa sobre as considerações gerais, abarcando, em seu conteúdo, a introdução, a justificativa e importância da pesquisa, o problema da pesquisa, os objetivos, a hipótese, a revisão de literatura e metodologia empregada para a execução da pesquisa. O Capítulo 2 é composto pelo artigo científico, intitulado Novos Tempos na Escola: A violência escolar nos municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá no ano de 2017, que trata do Cenário da Violência nas Escolas destes Municípios no primeiro semestre de 2017. A partir dos dados obtidos junto ao Policiamento Escolar.

O artigo teve como objetivo identificar os tipos de violências que ocorrem nas escolas, e seu entorno e onde elas mais incidem. Foi desenvolvida a pesquisa quantitativa na qual se utilizou a estatística descritiva, de modo que os dados fossem organizados e apresentados em forma de tabelas e gráficos, que de acordo com Bussab e Morettin (2013) permite simplificar a descrição, análise e discussão dos resultados, na perspectiva de serem reforçados pelas explicações teóricas constantes neste estudo científico. Também foi aplicado o teste estatístico de Qui-Quadrado para avaliar possíveis associações entre as variáveis consideradas nesta pesquisa, pois de acordo com Fávero et al., (2009) essa técnica de análise pode ser aplicada às variáveis qualitativas ou quantitativas para verificar as associações entre as variáveis e suas categorias.

No Capítulo 3 consta o segundo artigo científico intitulado violência na escola: a percepção dos docentes de duas escolas públicas do municípios de Macapá, no estado do amapá, no ano de 2018. Esse estudo analisa a percepção dos professores de 02 escolas da rede pública do município de Macapá, no Estado do Amapá, situadas no centro e zona norte desta localidade, no qual são avaliados os tipos de violências que ocorrem no ambiente escolar como um todo, ou especificamente em sala de aula tendo como foco central, a violência imputada aos educadores no desempenho da sua função profissional. Foi desenvolvida a pesquisa Quali-quantitativa, e a coleta de dados, foi feita com os docentes das respectivas escolas, mediante aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas, de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos.

1.2 JUSTIFICATIVA E IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

A abordagem deste estudo e a sua importância relacionam-se com o exercício da atividade de profissionais da área de educação, que no desempenho de suas funções constatarem que a violência nas escolas é um fenômeno que cresce, e se diversifica consideravelmente no ambiente escolar atingindo necessariamente as relações entre docentes e alunos, no qual se observa números significativos de registros destas ações no Brasil, e especialmente, em escolas do município de Macapá, onde esse fenômeno também é uma realidade.

De acordo com Gontijo (2013) a violência na escola não se restringe aos grandes centros urbanos, sendo também encontrado em cidades de menor porte no interior Do país (2,9). Estudo realizado No município cenário desta Pesquisa em 27 Escolas públicas municipais, com participação de 1.042 alunos do nono ano do ensino fundamental evidenciou- se que 604 alunos (58%) percebem a presença de violência na escola; 804 alunos (77,1%) já presenciaram, Pelo menos uma vez, brigas dentro de sala de aula; 814 (78,1%) referiram conhecer colegas que já foram humilhados por outros colegas pelo menos uma vez; 687 estudantes (66%) disseram que já viram, ao menos uma vez, alunos destruírem patrimônios da escola.

Nesse estudo se evidencia como problema de pesquisa a violência nas escolas, que tem como foco central a violência física e verbal sofrida pelos docentes enquanto objeto de investigação, no sentido de compreender esse fenômeno que pode ser caracterizado como o termômetro de que a relação professor - aluno vem se modificando na sociedade contemporânea, o que gera conflitos rotineiros nas salas de aulas e no contexto educacional em geral.

Alves e Campos (2003), Áries (2006) consideram que um dos fatores desencadeantes da violência na escola se deu devido à massificação do acesso às escolas públicas, que coincide com a democratização do país, e as suas consequências resultaram em contextos escolares mais conflituosos, pois a diversificação dos públicos escolares, não mudou a postura elitista da educação que contrasta com grupos de características culturais diversas. O acesso se deu em números de ingressos, mas os investimentos no sistema ficaram aquém das necessidades.

Nunes e Abramovay (2003) apontam algumas características da violência nas escolas brasileiras como sendo, na maioria dos casos perpetrada por meninos, seja como vítimas ou autores; o comportamento agressivo é associado ao ciclo etário; os educandos de minorias étnicas estão mais expostos à discriminação por parte de colegas e professores; a família é considerada controversa por apresentar condutas violentas; avaliam que o ambiente externo das escolas com sinais de abandono são mais vulneráveis à violência, e acrescentam que e a insatisfação da sociedade com a gestão pública das instituições se dá pela falta de estrutura, com relação a recursos didáticos e humanos que resultam na baixa qualidade do ensino.

Em trabalhos recentes sobre a violência nas escolas da região norte se encontrou estudos que evidenciam aspectos dessa violência, de acordo com diversas variáveis analisadas em que se constata problemas semelhantes aos que acontecem nas demais regiões do país. Araújo (2015) demonstra como a violência se caracteriza numa das maiores escolas públicas situada na zona norte de Manaus, com 4.730 alunos nos três turnos escolares, a partir de relatos de alunos e professores, que evidencia vários tipos de violência física entre alunos na escola, agressões verbais, e atos de vandalismo e depredação no ambiente escolar.

Da mesma forma Ferreira (2016) evidencia tal situação de violências nas escolas de Rondônia e problemas causados pelo abandono institucional dentre elas os impactos sentidos nas escolas estaduais pela suspensão dos serviços de vigilância que as torna vulneráveis às práticas criminosas, o que é uma situação verificada também nas escolas da rede pública estadual de Macapá que desde 2016 são atacadas e enfrentam a mesma situação de roubos e furtos constantes.

Nas escolas de Belém, em estudo de interesse similar a esse, Mileo (2016) verificou uma quantidade de ocorrências de violência registradas pela Companhia Independente de Policiamento Escolar, no interior dos educandários da capital contabilizando no ano de 2013, 147 registros e em 2014, 131 registros. Os atos se configuram como incivilidade, desrespeito, ameaças, vandalismo, desordem, e as situações de risco vivenciadas pelos alunos. Os Ilícitos - lesões corporais ou via de fato contabilizaram (34) casos no ano de 2013 e (28) no ano de 2014; os furtos (52) ocorrências em 02 anos.

Da mesma forma Peres (2016) analisando as formas de violência ocorrida nas escolas públicas do bairro Jurunas em Belém evidencia que do total de alunos

matriculados no ensino fundamental e médio das escolas do bairro que 85,89% dos alunos já se envolveram em algum tipo de violência escolar e que a maior parte dos alunos já se envolveu em dois tipos de violência na escola (41,32%). Sendo que, a violência que prevalece nas escolas é a Física (37,12%) e a maior parte das ocorrências acontece na sala de aula (42,42%), seguidos das brigas nos corredores da escola (19,94%).

A violência a escola como compreende Charlot (2002) é um problema a ser reconhecido e enfrentado pela comunidade escolar e pela sociedade. Observa-se nesses estudos que existe um alto número de ocorrências envolvendo violência na escola e seu entorno, sendo em grande proporção cometidos pelos próprios alunos, e também inúmeros atos de violência que acontecem por meio de invasões de gangues e marginais que roubam e ameaçam alunos e funcionários.

Nesse sentido, para enfrentar a violência na escola se requer iniciativas em vários níveis e de diferentes complexidades, e uma das ações que cabe à escola é o exercício do bom relacionamento e o cultivo da paz no seu ambiente, porém cada vez mais a escola vem perdendo esse convívio e deparando-se com a violência nas suas mais diversas manifestações. Contudo, a respeito de todas as funções atribuídas a escola, Medrado (1998) faz uma crítica ao avaliar que a escola não dá conta de substituir o papel do estado, quanto a atender as necessidades da população referentes ao lazer, a formação da comunidade do envolvimento, e muito menos tem a função de prestar assistência social a inúmeros marginalizados. Ela não pode funcionar como uma substituta do estado, mesmo sendo parte dele.

Portanto, o desejo de construir conhecimentos a respeito dessa problemática e vislumbrar possíveis caminhos de intervenção social foi o que impulsionou esta pesquisa, pois as consequências desse fenômeno trazem um desequilíbrio social com prejuízos à sociedade em geral. Nesse contexto, reside à relevância dessa pesquisa que se pautou na necessidade de compreender a violência nas escolas da rede pública dos municípios de Macapá e Santana, sob o foco de avaliar as agressões físicas e verbais sofridas por docentes, no intuito de colaborar significativamente com o processo educacional do Estado do Amapá, a partir da compreensão de que fatores são relevante para a caracterização deste fenômeno, e assim, possibilitar medidas efetivas que venham contribuir para o fortalecimento de relações positivas no espaço escolar.

1.3 PROBLEMA DA PESQUISA

As violências ocorridas no âmbito escolar especialmente no que se referem às violências imputadas aos professores geram desequilíbrios nas relações, e atingem a todos os sujeitos envolvidos nesse processo, interferindo não apenas na aprendizagem dos alunos e na função de ensinar do educador, como também proporcionam um nível de estresse nos indivíduos envolvidos contribuindo para o ciclo da violência.

De acordo com Cerqueira (2006), o professor desempenha uma função na qual é necessário compreender como se dá a aprendizagem, como acontece o desenvolvimento humano e como deveria ser o processo educativo para ajudar os alunos a entenderem a realidade em que se encontram, tendo como mediação o conhecimento. A sala de aula é um lugar privilegiado, por que nela se encontram professores e alunos para em interação criarem um ambiente social diversificado que prescinde de respeito mútuo para uma convivência tranquila.

Nesse contexto, Oliveira e Martins, (2007) afirmam que o principal entrave ao enfrentamento da violência no contexto escolar tem origem na linguagem, pois na escola há uma supervalorização da linguagem escrita, mas a oralidade, o diálogo não recebe a mesma atenção, o que causa um afastamento entre os sujeitos na escola configurando uma deficiência no diálogo de um modo geral. Colombier e Perdriault (1989) afirmam que muitas vezes trocar socos parece ser mais fácil que falar, chamando atenção para o que a violência está querendo dizer. Compreender o que está sendo dito por meio dessa linguagem é uma tarefa árdua para todos na comunidade escolar. Pois há uma dificuldade em se estabelecer um canal para o diálogo.

Abramovay (2003) afirma que se faz necessário atentar as nuances da violência, pois a caracterização da violência escolar varia em função do estabelecimento de ensino e de seu interlocutor, ou seja, se deve avaliar quem fala; professores, diretores, alunos, pais de alunos, variando também quanto ao fator da idade, e provavelmente o sexo. Sendo que não existe um consenso em torno da questão e seu significado, sem uma análise de seus condicionantes.

Nessa perspectiva, gerou-se a seguinte problematização: Quais fatores estão relacionados a prática de violências nas escolas públicas do município de Macapá, tanto

as violências imputadas aos educadores quanto as violências que se caracterizam pela depredação, roubos e furtos nas instituições escolares.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Analisar quais fatores estão relacionados as práticas de violência presentes no contexto das escolas públicas de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante os anos de 2017 e 2018.

1.4.2 Objetivos Específicos

- i) Analisar a percepção dos docentes acerca da violência física e verbal impetradas por alunos no ambiente escolar.*
- ii) Caracterizar os casos de agressão física e verbal contra docentes ocorridos em duas escolas da rede pública de Macapá, no Estado do Amapá.*
- iii) Identificar os tipos de violências (roubo, furto, agressões, ameaças) ocorridas nas escolas e seus entornos.*
- iv) Avaliar estatisticamente a atuação policial nas escolas dos municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá.*

1.5 HIPÓTESE

O ambiente escolar está cercado por uma crescente onda de violência, na qual professores avaliam que essa violência promove a exclusão dos alunos com dificuldades de integração em grupos específicos e a consideram em parte, um reflexo da realidade vivenciada por eles. Ruotti (2010) afirma que a escola constantemente se apresenta como um espaço em que se multiplicam as formas de violência, interferindo ou até mesmo inviabilizando o processo. Lopes (2012) acrescenta que o contexto da violência escolar emerge e atinge as esferas sociais, econômicas, culturais, políticas, dentre outras sendo difícil apontar uma causa principal como responsável pelos atos ocorridos nos espaços escolares.

Neste contexto, a hipótese deste trabalho é que a atuação no ambiente escolar dos batalhões de polícia militar avaliados neste estudo, seja dentro ou no entorno das escolas, foi capaz de suprimir de forma relevante os casos de violência outrora

registrados nas escolas dos municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá durante os anos de 2017 e 2018.

2. METODOLOGIA

2.1 NATUREZA DO ESTUDO

No desenvolvimento desta pesquisa, quanto à abordagem do problema foi utilizado o enfoque qualitativo/quantitativo tratando-se de um estudo com métodos mistos. De acordo com Santos, *et al.* (2017), a partir da vinculação entre pesquisa quantitativa e qualitativa, os estudos de métodos mistos promovem o entendimento sobre o fenômeno de escolha de uma forma que não se obteria com a utilização de somente uma abordagem.

Nesse sentido, Lima (2008) contribui ao esclarecer que a pesquisa quantitativa se fundamenta na busca pela relação de variáveis, tentando identificar se determinadas correlações existem de fato, utilizando-se de técnicas específicas como questionários, procedimentos estatísticos, enquanto que nos estudos de abordagem qualitativa se busca a obtenção de dados descritivos de pessoas, lugares e processos interativos que ocorrem por meio do contato direto do pesquisador com o que está sendo estudado e a compreensão dos fenômenos tem relação com a perspectiva dos sujeitos participantes.

Autores como Paranhos (2016), Ruiz (2004), Yin (2006), Cresswell e Plano-Clark (2011), afirmam que as abordagens quantitativas e qualitativas utilizadas em uma mesma pesquisa são adequadas para que a subjetividade seja minimizada e, ao mesmo tempo, aproximem o pesquisador do objeto estudado, proporcionando maior credibilidade aos dados.

O tipo de pesquisa utilizada foi a Pesquisa de campo e a Pesquisa documental, que de acordo com Fachin (2001), é aquela realizada com o fato social situado no seu contexto original, no local em que acontece o fenômeno de investigação, com primazia sobre o fato, rigorosamente como se apresenta, sem interferências do pesquisador. Quanto a pesquisa documental Gil (2008) afirma que essa pesquisa se vale de materiais que ainda não receberam um tratamento em termos de análise e/ou também podem ser reelaborados no momento do estudo, devendo estar atento ao devido rigor metodológico.

2.2 LÓCUS E AMOSTRA DA PESQUISA

a) Pesquisa Quantitativa: o artigo intitulado Novos Tempos na Escola: a violência escolar nos municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante o ano de 2017, foi construído a partir de dados de violências ocorridas nas escolas dentre elas: registros de roubo, furtos, ameaças, porte de drogas, porte de armas, dentre outras ocorrências avaliadas nesta pesquisa científica, e foram cedidas pelo Comando Geral da Polícia Militar do Estado do Amapá e Centro Integrado de Operações e Defesa Social (CIODES), que disponibilizou o boletim estatístico Nº 017/2017-DE/DOP/PMAP da Divisão de Estatística da Diretoria de Operações da Polícia Militar do Estado do Amapá, a partir das ocorrências notificadas pelos 1º, 2º, 4º e 6º Batalhões de Polícia Militar do Estado do Amapá, que compõem o Policiamento escolar nesta região, e tem como áreas de atuação o centro, a zona sul, o município de Santana e a zona norte respectivamente. Estas informações foram repassadas mediante solicitação por ofício ao Comando Geral da Polícia Militar do Amapá.

Os dados mencionados constam dos registros das violências ocorridas nas escolas públicas do Município de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante o 1º semestre do ano de 2017 referentes a todas as ações implementadas pelos quatro Batalhões de polícia militar do Município do Amapá, o que representa um censo dos registros de violência ocorridos nestas escolas nesse período.

b) Pesquisa quali-quantitativa: o segundo artigo intitulado Violência na Escola: a percepção docente quanto às agressões sofridas em duas escolas da rede pública estadual de Macapá em 2018, se caracteriza como um estudo misto. A coleta dos dados da pesquisa quantitativa foi realizada em duas escolas da rede pública de Macapá, e se deu mediante dois instrumentos de coleta de dados. Na primeira fase (quantitativa) foi aplicado questionários a quarenta e sete professores atuantes nessas escolas, para coletar informações acerca da percepção da violência sofrida pelos educadores na escola e construção do perfil dos docentes destas duas escolas em estudo. De acordo com Gil (2008) o questionário consiste em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas e as respostas a essas questões deverão proporcionar os dados necessários para descrever as características da população pesquisada e/ou testar as hipóteses que foram construídas no delineamento da pesquisa.

Na segunda fase (qualitativa) a coleta de dados foi realizada em duas escolas da rede pública de Macapá de nível médio, localizadas no centro e zona norte deste município, por meio de entrevistas semiestruturadas que de acordo com Manzini (1990), é um tipo de técnica interessante por apresentar liberdade para inserir novas questões, pois as perguntas predefinidas são apenas um norte, não pretendendo ditar, de forma rígida, como a entrevista vai ocorrer. A escolha da entrevista semiestruturada deve-se, portanto, à flexibilidade inerente a esse tipo de técnica científica, pois a medida que surgem novas questões estas podem ser exploradas no decorrer do processo.

Nesse sentido, a partir das coletas realizadas foi possível propor uma ampla gama de aspectos referentes a violência nas escolas, e mais especificamente, arguir os docentes para que os mesmos verbalizassem a sua percepção acerca da violência na escola. Os dados coletados após a realização das entrevistas foram tratados cientificamente, a partir do *software Nvivo 10* de apoio à Análise de Dados Qualitativos (*Qualitative Data Analysis*), mediante a técnica da análise de conteúdo com a técnica de categorização baseada na análise de frequência de palavras, como utilizado em Danin e Carvalho Jr. (2018).

2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA QUALI - QUANTI E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Na primeira etapa da coleta de dados foram selecionados 47 (quarenta e sete) professores em duas escolas públicas do município de Macapá, no Estado do Amapá, para aplicação dos questionários de acordo com os critérios estabelecidos. Na segunda etapa a coleta de dados se deu mediante entrevista semiestruturada e participaram 7 (sete) docentes da amostra total, os quais se propuseram a participar espontaneamente dessa etapa.

A escolha das escolas se deu mediante os resultados dos dados fornecidos pelo Policiamento Escolar, de acordo com os seguintes critérios de inclusão: (1) escolas em que houve maior incidência de violências no ano de 2017; (2) escolas que matricularam alunos do ensino médio no ano de 2017; (3) escolas que apresentaram disponibilidade para participar da pesquisa no ano de 2017.

A seleção dos docentes se deu de acordo com os seguintes critérios de inclusão: (1) docentes do sexo masculino e feminino; (2) admitidos nas instituições mediante concurso público; (3) experiência por um período mínimo de 5 (cinco) anos em

instituições da educação básica de ensino; (4) disponibilidade para participar desta pesquisa; (5) anuência dos docentes para responderem ao questionário e a entrevista.

2.4 MATERIAIS DE PESQUISA QUALITATIVA E QUANTITATIVA

- a) *Smartphone* para gravação de áudio de todas as entrevistas;
- b) Computador, Impressora e Cartuchos de Impressora, para a transcrição e impressão das entrevistas gravadas em áudio;
- c) Papel tipo A4, lápis preto, pastas com elásticos, pranchetas.

2.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS

- a) Obtenção de autorização para a coleta, junto aos dirigentes das escolas municipais, docentes, comando geral da polícia militar do Estado do Amapá.
- b) Questionário para os docentes contendo perguntas abertas e fechadas (ver Apêndice);
- c) Roteiro de entrevista semiestruturada para docentes;
- d) Realização de entrevistas gravadas, com autorização prévia dos docentes que constituíam a amostra de interesse a ser avaliada neste estudo;
- e) Transcrição das entrevistas para análise qualitativa das respostas obtidas na pesquisa.

2.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

- a) Procedimento de Análise de dados referentes aos registros do Policiamento Escolar;
- b) Análise quantitativa dos resultados dos questionários, considerando as diversas variáveis envolvidas no contexto deste levantamento de dados.
- c) Análise qualitativa das transcrições dos resultados das entrevistas, considerando as diversas variáveis envolvidas no contexto desta pesquisa.

2.7 PESQUISA QUANTITATIVA

Foi realizada a análise exploratória dos dados, a qual de acordo com Bussab e Morettin (2013), possui o objetivo de resumir em uma distribuição de frequências um conjunto de observações, e expor sinteticamente os resultados dos dados analisados em relação as variáveis observadas, a partir de representações gráficas e tabulares. Para análise de possível associação entre as Variáveis estudadas e Análise de Homogeneidade das Categorias utilizadas neste estudo, será aplicado aos dados o teste estatístico de Qui-Quadrado, com um nível de significância (α) pré-estabelecido, e geralmente igual a 1%, 5%, 10%. Este teste representa uma importante ferramenta de análise estatística aplicada às variáveis qualitativas e quantitativas, a partir do qual é

possível verificar as associações entre as variáveis e suas categorias em estudo, segundo Fávero *et al.* (2009).

2.7.1 ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS DADOS

Durante o desenvolvimento de um trabalho no qual há informações quantitativas e/ou qualitativas, o comportamento ou padrão de ocorrências das características envolvidas no estudo pode ser sumarizado ou resumido, a partir da análise exploratória dos dados, que é responsável por coletar, analisar, interpretar e apresentar os resultados mediante gráficos e tabelas. De acordo com Bussab e Morettin (2013), as análises exploratórias dos dados mais utilizadas são as séries estatísticas, conhecidas também por tabelas e gráficos, que têm por finalidade resumir, em distribuição de frequência, um conjunto de observações, conseguindo expor sinteticamente os resultados dos dados analisados em relação a características como o instante de tempo observado, local, fenômeno e especificação. Neste contexto, os gráficos representam uma imagem clara e de fácil compreensão sobre fenômenos estudados em relação aos resultados alcançados.

2.7.2 ANÁLISE DE ASSOCIAÇÃO DAS VARIÁVEIS E ANÁLISE DE HOMOGENEIDADE DAS CATEGORIAS

Para avaliar a homogeneidade entre as variáveis utilizadas neste estudo, um teste estatístico denominado de Qui-Quadrado (χ^2) será utilizado sobre os dados coletados nesta pesquisa, para verificar possíveis associações entre as variáveis em estudo e suas categorias, como descreve Fávero *et al.* (2009). A estatística χ^2 representa uma importante ferramenta de análise de dados aplicada às variáveis qualitativas ou quantitativas, a partir da qual é possível verificar possíveis associações entre as variáveis e suas categorias em estudo. Neste contexto, o teste Qui-Quadrado verifica se existe homogeneidade (ou associação) entre as categorias (ou variáveis), e consiste em testar as seguintes hipóteses: H_0 : as variáveis são independentes *versus* H_1 : as variáveis não são independentes. O valor da estatística teste χ^2 é obtido pela Equação (1), tal como, é possível observar em Díaz e López (2007). Na tomada de decisão deste teste, um nível de significância estatística (α) é pré-fixado, por exemplo, $\alpha = 1\%$; 2% ; 5% ; 10% .

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^l \sum_{j=1}^c \frac{(O_{ij} - E_{ij})^2}{E_{ij}}, \quad (1)$$

Em que O_{ij} é a frequência observada e E_{ij} é a frequência esperada para a i -ésima linha e j -ésima coluna da tabela de contingência, l e c indicam a linha e a coluna, respectivamente, da célula que contém a frequência observada. Rejeitando a hipótese H_0 , então, existe dependência (associação) estatística significativa ao nível α entre as variáveis (ou categorias) analisadas, no caso do teste para avaliar associação; ou então, a distribuição das categorias analisadas é homogênea caso deseje-se avaliar a homogeneidade das categorias.

2.8 PESQUISA QUALITATIVA

A análise dos dados coletados mediante a entrevista semiestruturada foi submetida a uma análise de conteúdo, por meio da categorização de palavras que se caracteriza na visão de Silva *et al.* (2011), pela decomposição do discurso e identificação de unidades de análise, ou de grupos de representações com a finalidade de categorizar os fenômenos. A partir das categorias se torna possível uma reconstrução de significados que apresentem uma compreensão mais aprofundada da interpretação da realidade do grupo estudado.

2.8.1 FONTES DE DADOS

Na pesquisa qualitativa e quantitativa as fontes de coleta de dados foram primárias e secundárias, respectivamente. As fontes primárias foram os questionários e as entrevistas com os docentes, em que se obtiveram informações relativas à escolaridade, idade, tipo de agressão sofrida, tempo de atividades laborais, percepção sobre a violência, etc. Quanto as fontes secundárias, estas fomentaram as informações na pesquisa documental, mediante os dados coletados no boletim estatístico N° 017/2017-DE/DOP/PMAP, segundo os registros do 1°, 2°, 4° e 6° Batalhões de Polícia Militar do Estado do Amapá.

2.9 QUESTÕES ÉTICAS

Esta pesquisa foi desenvolvida em conformidade com os preceitos éticos definidos na Resolução n° 001/2016 PPGSP, que, dentre outras regras, assegura o total

respeito aos participantes do estudo, observando sempre a disponibilidade de local, dia e horário mais conveniente aos envolvidos na pesquisa científica.

Após a definição das escolas e dos órgãos a serem avaliados neste estudo, foi realizado contato com os gestores dos referidos estabelecimentos de ensino público, para apresentação do estudo e formalização da autorização para realizar a pesquisa nas escolas.

Os sujeitos da pesquisa foram informados de maneira clara sobre o tema da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que se ressalta o inteiro sigilo sobre nomes oficiais dos envolvidos(as) neste estudo, preservando-se, dessa maneira, a integridade de todos os envolvidos(as) neste estudo acadêmico.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O CONTEXTO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

No aporte teórico adota-se conceitos como violência, violência na escola, violência à escola, violência da escola Charlot (2002), violência física e verbal, violência psicológica, incivilidade, relação professor-aluno, como elementos centrais para a compreensão do fenômeno da violência ocorrida nas escolas e mais especificamente da violência sofrida por docentes nesse ambiente.

A escola enquanto espaço de convivência abarca uma diversidade de indivíduos com suas singularidades e experiências, na qual os episódios de violências têm sido verificados como um fenômeno comum em diversos países. Autores como Debarbieux (2001, 2002); Charlot (2002, 2005); Sposito (2002, 2013); Pain (2010); Zaluar (1992,1998); Peralva (2000) Abramovay (2000; 2002; 2003; 2005), Camacho (2000) contribuem com essas temáticas no sentido de evitar generalizações confusas desse termo.

Os referidos autores discutem as violências que perpassam por pequenos delitos, ataques a propriedades, atentados contra a vida, ameaças, agressões e informam sobre realidades e manifestações de violências distintas e heterogêneas que ocorrem no âmbito escolar algumas em geral de menor gravidade, mas que vem ao longo dos tempos, se tornando cada vez mais graves.

Na literatura o termo violência é considerado polissêmico, construído histórico e culturalmente com diferentes significados, devendo ser analisado de acordo com o

contexto em que se insere. Da mesma forma o conceito de violência na escola possui especificidades e demanda cuidado para que não seja compreendido de forma genérica; nesse caso, termos como incivildade, agressividade, violência física, violência verbal e psicológica serão conceituados distintamente para proporcionar melhor compreensão desse fenômeno que vem se observando com frequência nas escolas.

A contribuição dos autores supramencionados foi de suma importância neste estudo, pois apesar da complexidade do termo e da dificuldade conceitual, existe um consenso básico, no qual todos concordam que todo ato de agressão física, moral, institucional que tenha como alvo a integridade do(s) indivíduo(s) ou grupo(s) é considerado ato de violência, Abramovay e Rua (2002).

Como definir o caráter violento de um ato no meio escolar? Os estudos evidenciados na literatura demonstram um termo que possui determinações complexas e que comporta contradições e ambiguidades. Pois definir o caráter de um ato como violento remete a avaliar os valores culturais de cada grupo social, das circunstâncias em que foi praticado e até de disposições subjetivas. Assim, em qualquer campo do conhecimento e nesse contexto do campo educacional, a precisão em torno da apreensão do conceito de violência exige uma profundidade de análise.

O termo Violência vem do *latim violentia* e significa força violenta; ou, ainda, recurso à força, para submeter alguém (contra sua vontade); exercício da força, praticado contra o direito Russ (1994). Sendo essa força definida como violência a perturbar acordos e regras que norteiam as relações sociais, denotando uma carga negativa Zaluar (2000). Na concepção de Oliveira e Martins (2007) a violência está presente nas esferas social, cultural, política, não podendo apontar apenas uma delas como agente. Afirma ainda que a violência contra pessoas é antiga e complexa com suas diferenças qualitativas, e com diferentes níveis de significados e efeitos. Inclusive o próprio Estado contribui na criação e manutenção de violências ao se ausentar de suas obrigações para com a sociedade gerando a marginalização das pessoas pobres e dos miseráveis.

Neste contexto, Martín-Baró (1998), ressalta que a violência estrutural não se reduz apenas a uma inadequada distribuição dos recursos disponíveis que impede a satisfação das necessidades básicas da maioria da população; a violência estrutural

supõe, além disso, um ordenamento dessa desigualdade opressiva, mediante uma legislação que ampara os mecanismos de distribuição social da riqueza e estabelece uma força coercitiva para fazê-los respeitar.

Faleiros e Faleiros (2007) afirmam que a violência resulta do uso intencional da força física ou do poder em forma de ameaça contra si ou contra outra pessoa, grupo ou comunidade, nela o dominador, se utiliza de coação e agressões, fazendo do dominado um objeto de seus interesses a partir da manipulação de sua identidade. Martín-Baró (1997) se posiciona sobre os conceitos de violência e agressão diferenciando-os, pois considera o conceito de violência mais amplo que o de agressão, e afirma que todo ato a que se aplique uma dose excessiva de força pode ser considerado como violento, e a agressão somente seria uma forma de violência ao se aplicar a força contra alguém de maneira intencional, com o intuito de causar-lhe danos. Assim a violência assume um caráter de construção social através das relações entre os indivíduos.

No tocante ao campo educacional, Sebastião *et al.*, (2003) afirmam que o conceito de violência escolar tem sido caracterizado, por diversos autores, como um fenômeno multifacetado, com uma gama de manifestações em diferentes espaços que urge intervenção, de tal modo que a violência na escola tem gerado preocupação recorrente e diversos debates públicos. Afirmam ainda que a violência nas suas variadas formas, pode ser considerada um elemento estrutural das sociedades industrializadas ocidentais e se manifesta por meio da violência intrafamiliar, delinquência, criminalidade, guerra. Dessa maneira a violência na escola, com as suas singularidades é parte integrante desse fenômeno, e não deve ser compreendida apartada dos laços que os liga.

Camacho (2000) quanto a essa questão aponta duas formas básicas de violência na escola: a violência física (brigas, agressões físicas e depredações) e não física (ofensas verbais, discriminações, segregações, humilhações e desvalorização) com palavras e atitudes de desmerecimento, que se dá de forma disfarçada e de difícil diagnóstico. A autora considera que essas experiências são negativas e ocorrem em diversos níveis de relações, e tem como agente tanto alunos como professores e funcionários como vítimas, mas também como produtores.

Lopes e Gasparin (2003) consideram que é preciso caracterizar a violência escolar como todo ato que impede, em sentido amplo, o pleno desenvolvimento dos atores sociais aí presentes. Trata-se da negação de direitos básicos, um ataque à

cidadania, portanto, a violência escolar não deve ser tratada como algo genérico, é preciso evidenciar suas nuances e especificidades, seus condicionantes sócios econômicos, e as interações geradas no contexto intraescolar.

Charlot (2002; 2005) afirma que é preciso distinguir a violência no espaço escolar para compreendê-la, para isso utiliza termos que permite uma diferenciação semântica, nesse caso tem-se a violência na escola, violência à escola e violência da escola. Sendo que a violência na escola é a produzida no espaço escolar, sem vínculo com as atividades da escola, como as invasões a escola para acertos de contas entre grupos rivais. Violência à escola é a que tem como alvo direto a instituição e a seus representantes perpetrados por alunos como as depredações, incêndios, agressão a professores. A violência da escola é institucional, simbólica, voltada geralmente aos alunos pela maneira como são tratados pelos adultos nesse espaço.

Ainda de acordo com Charlot (2002), a violência na escola não é um fenômeno novo que emerge em alguns países a partir dos anos de 1980 e 1990, o que vem se dinamizando são as formas como a violência vem assumindo, que se configuram por homicídios, estupros, agressões, ataques e insultos a docentes, o que sinaliza um limite transposto e aumenta a angustia social.

Marriel (2006, p. 47), em seus estudos também evidencia algumas questões problemáticas no âmbito da escola que concorrem para a violência nesse contexto como a relação disciplina/indisciplina, a baixa valorização dos profissionais da educação, a precariedade da formação continuada do professor e o estresse causado pelo aviltamento do profissional docente. Nesse sentido a autora cita a pesquisa divulgada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2004) e UNESCO, acerca do número de alunos atendidos para traçar um perfil dos professores brasileiros e revela que 60% dos educadores de ensino fundamental possuem mais de 100 alunos, e 18,7% dos professores atendem mais de 400 alunos. No ensino médio 51,8% têm de 101 a 400 estudantes e 42,2% possuem mais de 400 alunos, e mais de 40% dos professores trabalham em mais de uma escola e quase 15% desses profissionais da educação exercem mais de 40 horas.

Neste sentido, Chaves (2014) afirma que a violência na escola pode expressar modalidades de ação que se constroem também no ambiente pedagógico, e que este

não funciona apenas como uma caixa de ressonância da violência social. Essa demarcação da problemática orienta para uma compreensão ampliada de violência nas escolas, ao apreender a escola como um espaço de produção de violência e não apenas como um campo que reflete processos sociais, possibilitando uma leitura do fenômeno em sua diversidade, complexidade e sutilezas.

A partir da literatura levantada se verifica o quão hostil é o clima vivido pelos escolares em grande parte das escolas brasileiras. Muitas crianças adolescentes e jovens enfrentam o desafio diário dessa convivência, tanto no seio familiar como nos bairros que habitam, que em muitos casos apresentam condições de vida precárias e na escola encontram a continuidade dessa dura realidade, o que reforça relações permeadas pela desconfiança, medo e austeridade que são levadas a outras relações sociais.

CAPÍTULO 2 - ARTIGO CIENTÍFICO 1

NOVOS TEMPOS NA ESCOLA: A VIOLÊNCIA NA ESCOLA NOS MUNICÍPIOS DE MACAPÁ E SANTANA/AP NO ANO DE 2017

¹Rosilene Maria Lopes Gomes, ²José Gracildo de Carvalho Júnior

¹Master's in Public Security at the Institute of Philosophy and Human Sciences - IFCH/UFPA

²Statistician, Federal University of Pará, Belém, Pará, Brazil

RESUMO

Este estudo se propôs identificar os tipos de violências que ocorreram nas escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante o ano de 2017, mediante a atuação policial nestas instituições de ensino. O levantamento se deu a partir dos dados disponibilizados pelo Comando Geral da Polícia Militar do Estado do Amapá, a partir do Boletim estatístico Nº 017/2017, o qual possibilitou uma análise descritiva dos dados, e realização de testes estatísticos de significância. Os resultados apontaram que o policiamento escolar do município de Macapá realizou diversas ações de combate e prevenção da violência nas escolas públicas nesses municípios em 2017. Porém, estas ações não foram suficientes para diminuir a incidência da criminalidade nas escolas. Os testes estatísticos realizados também indicaram uma homogeneidade significativa ao nível de 5%, quanto a atuação dos quatro batalhões, na aplicação da maioria das ações policiais. As atividades policiais são de natureza preventiva e coercitiva, mas a violência persiste a despeito das ações empreendidas pelo policiamento escolar, onde se observa a necessidade de repensar a situação das escolas diante do contexto de violência em que se inserem.

Palavras-Chave: ação policial. Crimes. consumo de drogas

ABSTRACT

This study aimed to identify the types of violence that occurred in the public schools of the municipalities of Macapá and Santana, in the State of Amapá, during the year 2017, through police action in these educational institutions. The survey was based on data provided by the General Command of the Military Police of the State of Amapá, based on statistical bulletin No. 017/2017, which enabled a descriptive analysis of the data and statistical tests of significance. The results showed that school policing in the city of Macapá carried out several actions to combat and prevent violence in public schools in these municipalities in 2017. However, these actions were not enough to reduce the incidence of crime in schools. Statistical tests also indicated a significant homogeneity at the level of 5%, as for the performance of the four battalions, in the application of most of the police actions. Police activities are preventive and coercive in nature, but violence persists in spite of the actions taken by school policing, where it is necessary to rethink the situation of schools in the context of violence in which they are inserted.

Keywords: police action. Crimes. drug use.

INTRODUÇÃO

Medo, perplexidade e indignação é o que se sente diante do problema da violência nas escolas no Brasil, principalmente por se tratar de um espaço considerado historicamente o lócus do conhecimento, do ensino e da vivência de valores éticos emanados da missão secular que essa instituição difunde. Para Stelko-Pereira e Williams (2010), o problema da violência escolar tal como se caracteriza atualmente prescinde de estudos, devido às alterações decorridas das novas relações que emergem na sociedade, e se apresentam com características específicas. A violência escolar é considerada um fenômeno mundial, que se materializa por atos como: vandalismo, depredações, roubos e furtos, invasões a

escolas e também se configura por ameaças, agressões físicas, verbais e psicológicas ocorridas entre pares, e destinadas também a professores, gestores e funcionários no exercício de suas funções, e ocorre tanto no interior da escola quanto em seu entorno. A violência nas escolas brasileiras tem sido objeto de investigação de pesquisadores de várias áreas (educação, sociologia, segurança pública) dentre os quais se destacam-se Abramovay e Rua (2002a), Abramovay (2005a), Codo (2006), Sposito (2001), Fante (2005a). Pesquisadores apontam diversos conceitos e abordam a dificuldade em encontrar um consenso sobre esse tema, justamente devido ao fato de que a violência

pode se expressar de múltiplas formas e ser compreendida de diversas maneiras. A esse respeito Abramovay (2005b) afirma que a definição de um conceito de violência requer cuidados por que esse fenômeno é em essência dinâmico e mutável, e suas representações, dimensões e significados se modificam à medida que as sociedades se transformam, em determinados tempos, locais, e contextos culturais ao molde dos fenômenos sociais. Do mesmo modo concordam Charlot (2002) Debarbieux e Blaya (2002) ao afirmarem que seria um equívoco tentar definir violência escolar a partir de um conceito único, no entanto, os autores compreendem ser necessária uma conceituação distinta devido às formas como a violência se manifesta no interior da escola, e, mesmo sendo uma tarefa difícil, se torna indispensável para que os atos não sejam tratados de forma genérica, como fenômenos únicos, o que dificulta o enfrentamento e a prevenção. É necessário atentar para o aspecto multidimensional do tema que demanda uma abordagem interdisciplinar diante do grave quadro de violência imposto a uma instituição essas basilar da sociedade Brasileira, isto é, a escola. Assim, se busca compreender melhor esse fenômeno mundial, que no Brasil se apresenta de forma contundente, em todas as regiões do país, englobando tanto as grandes cidades quanto municípios medianos, por exemplo, Macapá no Estado do Amapá, que mesmo sendo uma capital, apresenta características diferenciadas pelos seus aspectos geográficos, e população, que serão consideradas nesse estudo. Para Abramovay e Rua (2002b); Fante (2005b); e Pontes (2007b), o fenômeno da violência no contexto escolar é um problema que perpassa as escolas indistintamente, quer seja na rede pública ou privada, referente ao Brasil ou ao exterior. Esse quadro demanda produção de conhecimentos acerca do tema que propicie uma compreensão para o enfrentamento mais acertado sob o ponto de vista científico, e possa contribuir diante desse fenômeno que emerge e que, às vezes, é compreendido de forma errônea por seus próprios agentes no campo educacional. Carnicelli Filho e Schwartz (2006) afirmam que a escola está cercada por uma crescente onda de violência. Os docentes confirmam e avaliam que essa violência promove a exclusão dos alunos com dificuldades de integração em grupos específicos, e a consideram, em parte, um reflexo da realidade vivenciada por eles. Ruotti (2010) afirma que a escola, constantemente, se apresenta como um espaço onde se multiplicam as formas de violência, interferindo ou até mesmo

inviabilizando o processo de ensino e aprendizagem. Lopes et al., (2012) acrescenta que o contexto da violência escolar emerge e atinge as esferas sociais, econômicas, culturais, políticas, dentre outras, sendo difícil apontar uma causa principal como responsável pelos atos ocorridos nos espaços escolares. Com o propósito de favorecer uma melhor compreensão deste cenário de violência escolar, ao propor-se uma abordagem desse fenômeno social - a violência no contexto educacional - acredita-se ser coerente delimitar os propósitos desta pesquisa: inicialmente, em relação às teorias que fundamentam esse estudo, suas concepções, proposições e análises. A seguir, caracterizar o fenômeno da violência no Brasil, na região Norte, e mais especificamente nas escolas públicas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, com objetivo de compreender e caracterizar esse fenômeno nesse município, além das violências mais frequentes e preocupantes. O presente artigo pauta-se nos estudos de Abramovay et al., (2002) Abramovay (2002c; 2003; 2016), Charlot (2005), Fante (2005c), Pontes (2007); e Sposito (1998; 2001). Esses autores possuem uma concepção ampliada de violência escolar, que leva em consideração as mais variadas formas de manifestação violenta. Nesse sentido, Da Silva e Alves (2015) organizam essa concepção das manifestações violentas, de acordo com os conceitos emanados dos referidos autores, da seguinte forma: de acordo com o contexto espacial, a violência escolar pode se apresentar de maneira Exógena e Endógena. A violência Exógena refere-se a aspectos externos à escola que favorecem as dinâmicas de violência em âmbito escolar; e a violência endógena são as situações violentas provocadas no decurso da própria dinâmica interna da escola. Quanto à natureza as formas de violência podem ser compreendidas como Violência Física, Simbólica e/ou Institucional e Violência combinada. Quanto aos danos, citam a depredação, o consumo de drogas, o uso de armas, os aliciamentos. Abramovay e Rua, (2002d, p. 27-28) apresentam três classificações de violência; violência direta, que se refere aos atos físicos que resultam em prejuízo deliberado à integridade da vida humana, que envolve todas as modalidades de homicídios (assassinatos, chacinas, genocídio, crimes de guerra, suicídios, acidentes de trânsito e massacres civis); a violência indireta, que envolve todos os tipos de ação coerciva ou agressiva que implique em prejuízo psicológico ou emocional; e a violência simbólica, que é ampla e abrange relações de poder interpessoais que cerceiam a livre ação, o

pensamento e a consciência dos indivíduos. Os tipos de danos referem-se às pichações, depredação, roubo, furto, uso e venda de drogas (lícitas e ilícitas); aliciamentos, uso de armas de fogo ou arma branca, problemas no entorno da escola (poluição sonora, lixo), e as A coleta de dados para esse estudo foi realizada nos registros do Comando Geral da Polícia Militar (CGPM) e Centro Integrado de Operações e Defesa Social (CIODES) do Estado do Amapá, considerados uma fonte documental auxiliar para a compreensão do cenário das violências ocorridas nas escolas dos municípios de Macapá e Santana no Estado do Amapá. De acordo com Figueredo (2007), ao se utilizar dados contidos em documentos é possível esclarecer, elucidar ou comprovar questões levantadas como problemas de pesquisa. O CGPM do Estado do Amapá, mediante os Batalhões responsáveis pelo policiamento escolar (1º, 2º, 4º e 6º), implementou, em 2016, um sistema de notificação para registrar ocorrências de

agressões física e verbal. Dessa forma, tornam-se mais claro os aspectos de violência escolar que se aborda nesse estudo.

MATERIAIS E MÉTODOS

violências nas escolas dos municípios de Macapá e Santana, e seu entorno caracterizadas pelos registros de: furto, roubo, agressões, porte de armas, ameaças, porte de drogas, brigas, dentre outras violências, devido à crescente demanda de ocorrências dessa natureza. O patrulhamento já atua nas áreas externa e interna destas escolas municipais desde os anos de 1990, e está dividido por zonas de atuação: zona norte; zona sul; zona oeste e o município de Santana, cobrindo todas as escolas da rede municipal, estadual, além das escolas privadas. O levantamento de dados corresponde ao 1º semestre do ano de 2017, período em que se consolidou o registro de ocorrências por parte do Comando Geral da Polícia Militar do Estado do Amapá.

Tabela 1. Teste Qui-Quadrado de Homogeneidade do Tipo de Intervenção Positiva Realizada nas Escolas em Relação ao Batalhão de Polícia Militar Que Executou as Ações nos Municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante o Ano de 2017.

Tipo de Intervenção Positiva Realizada	Batalhões de Polícia Militar Que Realizou a Intervenção Positiva nas Escolas				
	1º. BPM	2º. BPM	6º. BPM	4º. BPM	Total
Palestras	89,00 (88,52)	27,00 (19,17)	34,00 (43,70)	20,00 (18,61)	170,00
Reuniões de Pais e Mestres	37,00 (48,95)	5,00 (10,60)	33,00 (24,16)	19,00 (10,29)	94,00
Visitas Técnicas	32,00 (69,26)	36,00 (15,00)	38,00 (34,19)	27,00 (14,56)	133,00
Operação Escola Segura	31,00 (42,18)	0,00 (9,13)	50,00 (20,82)	0,00 (8,87)	81,00
Apoio a Eventos	125,00 (65,09)	0,00 (14,10)	0,00 (32,13)	0,00 (13,68)	125,00
Total	314,00	68,00	155,00	66,00	603,00

Nota: Nas células da Tabela estão o valor observado e valor esperado entre parênteses, respectivamente.

No desenvolvimento de um trabalho científico em que há informações quantitativas e/ou qualitativas, o comportamento, ou padrão de ocorrências das características envolvidas no estudo, pode ser sumarizado ou resumido, a partir da análise exploratória dos dados, que é responsável por coletar, analisar, interpretar e apresentar os resultados mediante gráficos e

RESULTADOS

Dentre os alunos matriculados em escolas públicas - municipais ou estaduais - a maioria (91.990) está matriculada e escolas localizadas no município de Macapá, correspondendo a 80% do total de discentes. Quanto ao número de instituições de ensino público existentes nos dois municípios, a maioria (144), em torno de 76%, está localizada no município de Macapá, no Estado do Amapá segundo dados do IBGE,

tabelas. Nesse contexto, com o intuito de avaliar possíveis associações entre as variáveis ou categorias estudadas, o teste de Qui-Quadrado conforme Fávero et al. (2009) foi aplicado sobre os dados de violência escolar mencionados acima, como pode ser constatado na Tabela 1.

2014. Ressalta-se que a maior demanda de discentes do ensino público está associada ao município com maior número de escolas disponíveis. Considera-se que esse é um fator positivo, pois, teoricamente, a oferta de instituições de ensino público nos dois municípios, e conseqüentemente, as vagas disponibilizadas nas escolas são suficientes para atender a demanda existente nos municípios avaliados neste estudo. Foi possível perceber na tabela 1 que apenas o 1º.

Batalhão de Polícia Militar realizou todas as ações de intervenção positivas nas escolas dos municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá. Além disso, em três tipos de ações específicas: Palestras (52%); Reuniões com Pais e Mestres (39%); Apoio a Eventos (100%), neste último caso foi único batalhão a realizar esta ação. O percentual de ações implementadas pelo primeiro batalhão foi sempre superior em relação aos demais destacamentos da polícia militar dessas localidades, o que pode levar à interpretação de haver uma maior colaboração e integração dessa corporação policial, quanto às demandas das escolas públicas do Estado do Amapá, em comparação com os demais batalhões. Pelos resultados da Tabela 1 referentes ao teste Qui-Quadrado para verificar possível associação, entre a categoria Tipo de Intervenção Positiva Realizada e os quatro Batalhões da Polícia Militar, o valor obtido desta estatística de teste foi igual a 259,355, com 12 Graus de Liberdade (gl), o que resultou em uma probabilidade de significância (p-valor) deste teste igual a 0,000. Logo, adotando-se um nível de significância de 5%, é possível concluir que existe associação estatística significativa (diferente de zero), entre os Batalhões de Polícia Militar que efetivamente realizaram as ações de intervenção nessas escolas públicas. Assim, a diferença numérica relativa a frequência de intervenções realizadas pelos Batalhões, se justifica devido ao processo/período de coleta aleatória das informações, mas estatisticamente o desempenho destas corporações policiais são equivalentes, devido a homogeneidade das ações realizadas pelos quatro batalhões de polícia militar. Nesse

contexto, é pertinente inferir ao nível de significância de 5%, que qualquer um dos quatro Batalhões de Polícia Militar do Estado do Amapá, que foram avaliados neste estudo, possui condições semelhantes para realizar as Intervenções Positivas nas escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana, sem comprometimento da eficiência e confiabilidade do serviço prestado pelo Batalhão de polícia. Torna-se possível perceber que, quanto à ação repressiva – Rondas - realizadas nas escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana, o 6º. Batalhão de Polícia Militar foi o que mais empregou essa ação, com um total de 54% das rondas nas escolas; ao contrário das ações de Visitas (51%), Abordagens (43%), Averiguações (44%), Conduções (35%) e Boletins de Ocorrências Resolvidos (54%), que, em sua maioria foram realizadas pelo 1º. Batalhão de Polícia Militar. No entanto, esse mesmo batalhão não realizou rondas nas escolas públicas do Estado do Amapá durante o período pesquisado. Quanto ao número de Boletins de Ocorrências Registrados, o destaque ficou com 4º. Batalhão de Polícia Militar que alcançou 43% dos registros. Destaca-se, na atuação do 6º. Batalhão de Polícia Militar do Estado do Amapá, o não registro dos Boletins de Ocorrência, e também a não realização de conduções durante a atuação dos policiais. Com o intuito de inferir se os batalhões de polícia militar avaliados neste estudo atuaram homogeneamente na execução de ações repressivas, testes estatísticos de significância foram realizados sobre as variáveis envolvidas neste estudo (fazer nota de rodapé sobre graus de liberdade)

Tabela 2: Teste Qui-Quadrado de Homogeneidade do Tipo de Ações Repressivas Realizadas nas Escolas em Relação ao Batalhão de Polícia Militar Que Executou as Ações nos Municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante o Ano de 2017.

Tipo de Ação Repressiva Realizada	Batalhões de Polícia Militar Que Realizaram as Ações Repressivas nas Escolas				
	1º. BPM	2º. BPM	6º. BPM	4º. BPM	Total
Rondas	0,00 (1.025,00)	1.328,00 (793,50)	1.960,00 (1.369,80)	345,00 (444,70)	3.633,00
Visitas Diárias	1.327,00 (737,20)	304,00 (570,70)	806,00 (985,20)	176,00 (319,80)	2.613,00
Pessoas Abordadas	788,00 (513,80)	187,00 (397,70)	409,00 (686,60)	437,00 (222,90)	1.821,00
Averiguação de Suspeitos	148,00 (94,20)	47,00 (73,00)	102,00 (125,90)	37,00 (40,90)	334,00
Condução à Delegacia	36,00 (29,30)	33,00 (22,70)	0,00 (39,20)	35,00 (12,70)	104,00
Boletins de Ocorrência Registrados	18,00 (16,90)	16,00 (13,10)	0,00 (22,60)	26,00 (7,30)	60,00
Ocorrências Resolvidas no Local	207,00 (107,50)	39,00 (83,20)	96,00 (143,70)	39,00 (46,60)	381,00
Total	2.524,00	1.954,00	3.373,00	1.095,00	8.946,00

Nota: Nas células da Tabela estão o valor observado e valor esperado entre parênteses, respectivamente.

Mediante os resultados apresentados na Tabela 2 relacionados ao teste Qui-Quadrado para avaliar a homogeneidade das variáveis: Batalhão de Polícia Militar *Versus* Tipo de Ação realizada, pôde-se comprovar cientificamente uma possível associação na atuação dos quatro batalhões que desenvolveram as ações repressivas devido ao valor da estatística de teste ser igual a 3.263,895, com 18 graus de liberdade, resultando em um p-valor de 0,000. Por conseguinte, considerando-se um nível de significância de 5%, a tomada de decisão sobre esse teste leva a considerar uma homogeneidade estatisticamente diferente de zero, isto é, os quatro batalhões de polícia militar possuem, estatisticamente, a mesma capacidade para realizar as ações repressivas nas escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana, ao nível de significância de 5%. Ressalta-se que, as diferenças numéricas observadas na atuação dos batalhões de polícia militar discutidas anteriormente, configuram o momento (período) específico de seleção dos dados em análise, quando da execução destas ações de repressão junto às escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante o ano de 2017. No entanto, caso sejam realizadas ações de repressão num outro momento (nova pesquisa), ficará evidenciado que qualquer um dos batalhões de polícia militar pode executar ações repressivas nas instituições públicas, pois, não haverá prejuízo significativo no resultado das ações de segurança escolar. Quanto aos produtos apreendidos nas escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana, durante o ano de 2017, o destaque inicial é atribuído ao 6º. Batalhão de Polícia Militar, o qual apreendeu a maioria dos Simulacros de Armas de Fogo (78%), Porções de Entorpecentes (61%) e Armas Brancas (52%).

Destaca-se também, o 1º. Batalhão de Polícia Militar, o único que apreendeu Armas de Fogo (100%) e Munição (100%), sendo a segunda corporação com mais apreensões de Armas Brancas (34%), durante as operações realizadas em escolas públicas nos municípios de Macapá e Santana, em 2017. Para inferir se os batalhões atuaram de forma homogênea testes foram realizados. O teste de homogeneidade para as variáveis Tipo de Apreensão Realizada e Batalhão de Polícia Militar que realizou a apreensão não foi conclusivo, devido 11 valores esperados foram inferiores a 5 (cinco) unidades, e 6 (seis) desses valores foram inferiores a 1 (um) unidade. Assim torna-se possível inferir que cada batalhão de polícia militar atua de forma independente quanto ao tipo de item apreendido nas escolas públicas do Estado de Macapá. Contudo, serão realizados testes Qui-Quadrado Ajustados para cada Batalhão de Polícia Militar, em relação aos cinco possíveis produtos apreendidos nas escolas públicas avaliadas, como mostra a Tabela 3. Analisando-se os resultados da Tabela 3 é possível verificar que o 1º. Batalhão de Polícia Militar possui associação significativa com os tipos de apreensão: Armas Brancas; Simulacro de Arma de Fogo; Arma de Fogo, mas não possui associação estatística significativa com apreensão de Entorpecentes (Porções) e nem com apreensão de Munição. Já o 2º. Batalhão de Polícia Militar não possui associação significativa com nenhum dos cinco tipos de itens apreendidos avaliados neste estudo. Quanto ao 6º. Batalhão de Polícia Militar, este possui associação significativa com todos os tipos de apreensões nas escolas públicas avaliadas. Finalmente, o 4º. Batalhão de Polícia Militar possui associação significativa apenas com a apreensão de Munição.

Tabela 3: Teste Qui-Quadrado de Associação Entre o Tipo de Apreensão Realizada nas Escolas em Relação a Cada Batalhão de Polícia Militar Que Desenvolveu a Ação nos Municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, durante o Ano de 2017.

Tipo de Apreensão Realizada	Batalhões de Polícia Militar Que Realizaram Apreensões nas Escolas			
	1º. BPM	2º. BPM	6º. BPM	4º. BPM
Armas Brancas	51,00 (18,20) $\chi^2_{(Calculado)} = 59,11^*$	7,00 (2,60) $\chi^2_{(Calculado)} = 7,45$	78,00 (30,40) $\chi^2_{(Calculado)} = 74,53^*$	15,00 (5,80) $\chi^2_{(Calculado)} = 14,59^*$
Simulacro de Arma de Fogo	0,00 (18,20) $\chi^2_{(Calculado)} = 18,20^*$	1,00 (2,60) $\chi^2_{(Calculado)} = 0,98$	7,00 (30,40) $\chi^2_{(Calculado)} = 18,01^*$	1,00 (5,80) $\chi^2_{(Calculado)} = 3,97$
Arma de Fogo	2,00 (18,20) $\chi^2_{(Calculado)} = 14,42^*$	0,00 (2,60) $\chi^2_{(Calculado)} = 2,60$	0,00 (30,40) $\chi^2_{(Calculado)} = 30,4^*$	0,00 (5,80) $\chi^2_{(Calculado)} = 5,80$
Entorpecente (Porções)	25,00 (18,20) $\chi^2_{(Calculado)} = 2,54$	5,00 (2,60) $\chi^2_{(Calculado)} = 2,22$	67,00 (30,40) $\chi^2_{(Calculado)} = 44,04^*$	13,00 (5,80) $\chi^2_{(Calculado)} = 8,94$
Munição	13,00 (18,20) $\chi^2_{(Calculado)} = 1,49$	0,00 (2,60) $\chi^2_{(Calculado)} = 2,60$	0,00 (30,40) $\chi^2_{(Calculado)} = 30,40^*$	0,00 (5,80) $\chi^2_{(Calculado)} = 5,80$

Nota: * Valor significativo ao nível de 5%; $\chi^2_{(Crítico)} = 9,49$; $gl = 4$; $\chi^2_{(Calculado)} > \chi^2_{(Crítico)}$, Tomada de Decisão: Rejeita-se H_0 .

Nesse contexto, torna-se possível traçar um perfil de atuação dos quatro batalhões de polícia militar avaliados neste estudo de maneira que, caso se deseje realizar a apreensão de Armas Brancas nas escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana, as corporações que devem ser destacadas para esta operação são: 1º. e/ou 6º. e/ou 4º. Batalhões de Polícia Militar. Se o interesse for apreensão de Simulacro de Arma de Fogo e/ou Armas de Fogo, o Batalhão de Polícia Militar indicado é o 1º. e/ou 6º. Batalhão. E por fim, no caso do interesse pela apreensão de Entorpecentes (Porções) e/ou Munição, o 6º. Batalhão de Polícia Militar é o único que deve ser encaminhado às escolas públicas. É importante destacar que, o 6º. Batalhão de Polícia Militar do Estado do Amapá apresentou associação estatisticamente significativa em nível de 5%, com todos os cinco tipos de produtos apreendidos nas escolas públicas, portanto, é possível inferir que esse batalhão possui capacidade suficiente para apreender qualquer um dos tipos de produtos avaliados neste estudo, de acordo com as ações de segurança desenvolvidas nas escolas públicas nos municípios de Macapá e Santana. No mês de setembro de 2017 houve um ápice de 29% das ocorrências de crimes nas escolas públicas de Macapá, seguido do mês de novembro (23%) e outubro (20%). Quanto ao município de Santana, nos dois primeiros meses de avaliação foram registrados os maiores percentuais de crimes nas escolas públicas dessa localidade, quando exatamente 35% dos crimes ocorreram em cada um destes meses,

isto é, em agosto e setembro ocorreram 70% do total de crimes registrados nas escolas públicas de Santana, no ano de 2017. Após uma redução nas ocorrências criminais a menos da metade (15%) em relação aos dois meses iniciais, nos meses de outubro e novembro as ocorrências nas escolas de Santana mantiveram-se estáveis, supõe-se que isso de deva à ação dos agentes da segurança pública locais, o que também pode justificar a ausência de crimes praticados nas escolas públicas desse município no mês de dezembro. Há necessidade de se comprovar se estatisticamente, os crimes cometidos nas escolas ocorrem de forma homogênea, isto é, se um ou mais meses influenciaram no número de registros criminais nas escolas públicas avaliadas neste estudo durante o ano de 2017. O teste estatístico de homogeneidade para as escolas públicas de Macapá e Santana, em relação aos meses em que os crimes foram praticados nestas instituições de ensino foi inconclusivo, devido o teste realizado ter retornado valores insatisfatórios para uma análise estatística. Logo, torna-se possível inferir que as ocorrências criminais nas escolas públicas desses dois municípios ocorrem de forma independente em cada localidade, mais especificamente, não há associação estatística significativa entre os municípios estudados quanto a ocorrências dos crimes. Porém, serão realizados testes de Qui-Quadrado ajustados para cada município avaliado neste estudo, em relação à frequência de crimes praticados em cada mês nas escolas públicas.

Tabela 4: Teste Qui-Quadrado de Associação Entre os Municípios e as Ocorrências Mensais de Crimes nas Escolas Públicas nos Municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, Ano de 2017.

Mês de Avaliação das Ocorrências de Crimes nas Escolas Públicas	Município Avaliado	
	Macapá	Santana
Agosto	18,00 (22,20): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,79$	7,00 (4,00): $\chi^2_{(Calculado)} = 2,25$
Setembro	32,00 (22,20): $\chi^2_{(Calculado)} = 4,33$	7,00 (4,00): $\chi^2_{(Calculado)} = 2,25$
Outubro	22,00 (22,20): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,00$	3,00 (4,00): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,25$
Novembro	26,00 (22,20): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,65$	3,00 (4,00): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,25$
Dezembro	13,00 (22,20): $\chi^2_{(Calculado)} = 3,81$	0,00 (4,00): $\chi^2_{(Calculado)} = 4,00$

Nota: O valor será significativo ao nível de 5%, se $\chi^2_{(Calculado)} > \chi^2_{(Crítico)}$; Tomada de Decisão: Rejeita-se H_0 .

Ao contrário do que se supôs, não há associação estatística significativa, em qualquer nível pré-estabelecido, entre as ocorrências de crimes (Roubo, Furto, etc.) praticados nas escolas públicas e o mês em que os crimes foram praticados, estejam estas escolas localizadas no município de Macapá ou Santana (Tabela 4), pois, todos os testes estatísticos de associação não foram significativos, isso demonstra uma casualidade, pelo fato de as ocorrências de crimes praticados nas escolas públicas desses

municípios serem razoavelmente superiores em alguns meses específicos. Nesse cenário, o teste estatístico reflete o fato de que qualquer um dos meses avaliados possui a mesma chance de ocorrências dos crimes avaliados neste estudo, e que não é necessária a ação policial de prevenção ou repressão ao crime nas escolas avaliadas em mês específico, e sim, que as ações policiais devem ocorrer em todos os meses indistintamente, com atuação idêntica dos órgãos de segurança pública na proteção às escolas. As escolas públicas situadas no município de Macapá registraram

21% das ocorrências crimes nos dias de Terça-Feira e Quinta-Feira, o que totaliza 42% de todos os crimes ocorridos nas instituições de ensino deste município concentrados em dois dias específicos. É importante destacar que nos dias em que geralmente não ocorrem aulas nestas escolas públicas, a ocorrência de crimes também existe como é o caso do dia de Domingo (11%) e Sábado (6%). Quanto ao município de Santana, o dia de maior frequência de crimes contra as escolas públicas é a Sexta-Feira, com 25% do total de registros, seguido da Quarta-Feira (20%), além dos registros de crimes nos finais de semana - Domingo (10%) e Sábado (5%). Esse Fator

pode ser explicado nos dois municípios em questão, devido a suspensão do serviço de vigilância nas escolas públicas estaduais de Macapá. Houve relatos de ocorrência de crimes nas escolas em dias da semana não informados, quando o percentual de ocorrências foi de 15%. Portanto, há razões para se supor que, dependendo do dia da semana, a probabilidade de ocorrência de crimes nas escolas municipais é maior. Diante do interesse em avaliar se os crimes cometidos nas escolas ocorrem, estatisticamente, de forma homogênea, durante os dias considerados neste estudo, testes estatísticos são realizados.

Tabela 5: Teste Qui-Quadrado de Associação Entre os Municípios e as Ocorrências Diárias de Crimes nas Escolas Públicas nos Municípios de Macapá e Santana, no Estado do Amapá, Ano de 2017.

Dia de Avaliação das Ocorrências de Crimes nas Escolas Públicas	Município Avaliado	
	Macapá	Santana
Domingo	12,00 (13,88): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,25$	2,00 (2,50): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,10$
Segunda-Feira	16,00 (13,88): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,32$	1,00 (2,50): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,90$
Terça-Feira	23,00 (13,88): $\chi^2_{(Calculado)} = 6,00$	1,00 (2,50): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,90$
Quarta-Feira	13,00 (13,88): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,06$	4,00 (2,50): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,90$
Quinta-Feira	23,00 (13,88): $\chi^2_{(Calculado)} = 6,00$	3,00 (2,50): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,10$
Sexta-Feira	16,00 (13,88): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,32$	5,00 (2,50): $\chi^2_{(Calculado)} = 2,50$
Sábado	7,00 (13,88): $\chi^2_{(Calculado)} = 3,41$	1,00 (2,50): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,90$
Não Informado	1,00 (13,88): $\chi^2_{(Calculado)} = 11,95$	3,00 (2,50): $\chi^2_{(Calculado)} = 0,10$

Nota: O valor será significativo ao nível de 5%, se $\chi^2_{(Calculado)} > \chi^2_{(Crítico)}$, Tomada de Decisão: Rejeita-se H_0 .

Pelos resultados da Tabela 5 é possível perceber que nenhuma associação foi significativa ao nível pré-estabelecido de 5%. Dessa forma, há possibilidade de inferir que os registros de crimes diários ocorridos nas escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana não possuem associação estatística significativa, e também as ocorrências de crimes cometidos nas escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana não possuem associação estatística significativa com os dias da semana avaliados nesse estudo. Portanto, o dia da semana não exerce influência no número de ocorrências de crimes, isto é, o dia da semana não aumenta a probabilidade (chance), de qualquer uma das escolas públicas dos dois municípios que foram avaliados, sofrerem os crimes de Roubo, Furto, Etc. Isso ratifica uma necessidade de ações contínuas diariamente nas escolas públicas dos municípios de Macapá e Santana, com o objetivo de exaurir, ou pelo menos reduzir significativamente, as ocorrências de crimes contra as escolas públicas destes municípios.

CONCLUSÕES

A partir deste estudo foi possível avaliar um cenário de insegurança, em que as instituições públicas de ensino do município de

Macapá e Santana, no Estado do Amapá estão inseridas, devido ao contexto de violência no entorno, e mesmo dentro das escolas aqui avaliadas. Há de se ressaltar um razoável número de escolas e vagas ofertadas, em quantidades aparentemente proporcionais à demanda existente nesses dois municípios, possibilitando, teoricamente, o acesso ao ensino público e ao desenvolvimento intelectual dos indivíduos dessas regiões. Quanto às ações desempenhadas pela polícia militar do Estado do Amapá, através do Policiamento escolar os resultados podem ser considerados satisfatórios, sobretudo quanto à realização de práticas voltadas à prevenção, ao combate e possível controle da maioria das práticas delituosas, registradas nas escolas avaliadas neste trabalho. Porém, é preciso aprimoramento de algumas ações como, por exemplo, a apreensão de armas e drogas nas escolas municipais, pois existem batalhões de policiamento escolar que foram incapazes de realizar apreensões, o que, invariavelmente, poderá fomentar a violência no ambiente escolar. É necessário também um trabalho de enfrentamento da violência dentro da escola, lançando-se sobre ela um olhar preventivo, através de ações pedagógicas que favoreçam a cultura de paz.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M., Rua, M.G. Violências nas escolas. Brasília: UNESCO no Brasil, 2002.
- ABRAMOVAY, M., et al., Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. 2002.
- ABRAMOVAY, M. Escola e violência. Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.
- ABRAMOVAY, M. e Castro, M. G. Drogas nas escolas: – Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005.
- ABRAMOVAY, M. et al.,. Coord. Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC, 2016. 97 p.
- CHARLOT, B. O sociólogo, o psicanalista e o professor. O impacto da psicanálise na educação. São Paulo: Editora Avercamp, 2005.
- CHARLOT, B. (2002). A violência na escola: Como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologia, 8, 432-443.
- CODO, W. Educação: Carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- DA SILVA, L. S; ALVES, L. M. S. A. A criminalização da juventude no discurso midiático da violência escolar em Belém-PA. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 2, n. 3, p. 110-130, 2015.
- DEBARBIEUX, E; BLAYA, C. Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: Unesco, 2002.
- FANTE, C. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Verus editora, 2005.
- FÁVERO, L.; Lopes, P.et al. Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões. Editora Saraiva, 2009.
- FIGUEIREDO, N.M.A. Método e metodologia na pesquisa científica. 2ª. ed. São Caetano, do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.
- IBGE. **Diretoria de pesquisas, coordenação de população e indicadores sociais**. 2014.
- LOPES, E. L. et al. A violência no contexto escolar: visão de professores de uma escola pública da cidade de Montes Claros-MG. Motricidade, v. 8, n. Supl. 2, 2012.
- PONTES, R. N.; CRUZ, C. R. R.; DE MELO, J. S. M. Relações sociais e violências nas escolas. UNAMA, 2007.
- RUOTTI, C. Violência em meio escolar: Fatos e representações na produção da realidade. Educação e Pesquisa, 36, 339-355, 2010.
- SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. Educação. Educação e pesquisa, v.2, n.1, p. 87-103, 2001.
- STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. Temas em psicologia, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2010.
- SCHWARTZ, M.G; CARNICELLI FILHO, S. Jogos cooperativos e condutas violentas: visão do professor de educação física: lecturas; educacion física y deportes, n 96, p. 2, 2006.

CAPÍTULO 2 – ARTIGO CIENTÍFICO 2

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIOS DE MACAPÁ, NO ESTADO DO AMAPÁ, NO ANO DE 2018

^{*1}Rosilene Maria Lopes Gomes, ²José Gracildo de Carvalho Júnior,

³Maely Ferreira Holanda Ramos

¹Master's in Public Security at the Institute of Philosophy and Human Sciences - IFCH/UFPA

^{2,3}Post-Graduation Program in Public Security, at the Institute of Philosophy and Human Sciences - IFCH/UFPA

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a percepção da violência na escola a partir dos relatos de docentes do ensino médio de duas escolas públicas no município de Macapá/AP, no ano de 2018. Na coleta de dados foram aplicados 47 questionários e 07 entrevistas semiestruturadas aos docentes das duas escolas campo, com temáticas acerca do significado e formas da violência, suas possíveis causas e a relação professor aluno. A análise dos resultados pautou-se pela Análise exploratória dos dados na fase quantitativa e da análise de conteúdo na fase qualitativa. Mediante relatos dos docentes se evidenciou as agressões verbais entre alunos e professores e alunos e alunos, as ameaças, as depredações a escola, o uso de drogas pelos discentes e a necessidade do policiamento escolar dentro e no entorno da escola. A violência encontrada foi caracterizada como física, psicológica, e verbal, e as tipologias corroboram as denominações encontradas na literatura como incivildades, que predominam no contexto escolar. Esse fenômeno é causado tanto por conflitos externos como internos à escola. As ações de enfrentamento de violência foram evidenciadas enquanto discretas e insuficientes.

Palavras – chave: Relação professor aluno. Incivildades. Agressão verbal. Sensação de insegurança.

ABSTRACT

This research aims to analyze the perception of violence in school based on the reports of high school teachers from two public schools in the city of Macapá / AP, in the year 2018. In the data collection, 47 questionnaires and 7 semi-structured interviews were applied to the teachers of the two camp schools, with themes about the meaning and forms of violence, their possible causes and the student teacher relationship. The analysis of the results was based on the exploratory analysis of the data in the quantitative phase and the content analysis in the qualitative phase. Teachers' reports showed verbal aggression between students and teachers and students and students, threats, depredations at school, students' use of drugs and the need for school policing in and around school. The violence found was characterized as physical, psychological, and verbal, and typologies corroborate the denominations found in the literature as incivilities, which predominate in the school context. This phenomenon is caused both by external conflicts and internal to the school. The actions of coping with violence were evidenced as discrete and insufficient.

Keywords: Relation teacher student. Incivilities. Verbal aggression. Feeling of insecurity.

INTRODUÇÃO

A violência constitui hoje uma das grandes preocupações da sociedade. No âmbito da escola, os casos de agressões entre alunos e as agressões sofridas por professores permeiam o ambiente escolar e geram um clima de insegurança que atinge a todos. Esse quadro de violência vem se naturalizando na escola, como se fosse algo normal, e a escola, mesmo reconhecendo esse fenômeno não tem conseguido evita-lo, pois está

interligada a sociedade gerando e ao mesmo tempo absorvendo a violência que se alastra em diversos contextos sociais.

Esse artigo objetivou compreender a violência escolar, na percepção dos docentes de duas escolas da rede pública do Município de Macapá, no Estado do Amapá, acerca das formas de violência vivenciadas pelos professores no espaço da escola e como estes lidam com a violência contra si. É tomado como foco principal de análise a relação professor - aluno no intuito de identificar nessa relação um conjunto de diversas violências que ocorrem cotidianamente no âmbito da escola e que aumentam consideravelmente se caracterizando pelo desrespeito, agressões verbais, ameaças, a humilhação e a desestabilização emocional do professor.

Conforme Duarte (2004), o clima de autoridade do professor deve existir, e não inviabiliza uma relação entre iguais. O professor precisa respeitar o aluno e envolvê-lo num clima de confiança que não perpassa por uma atitude permissiva ou paternalista, mas se configura na aceitação positiva pautada na confiança. Debarbieux (1997) chama atenção para o contexto educacional da França sobre as incivildades, que são atos aparentemente inofensivos por se manifestarem no cotidiano escolar com certa frequência e parecem estar incorporados na relação professor - aluno, mas que podem ser de certo modo, anunciadores de infrações mais graves como as agressões físicas sofridas por docentes que se constituem como o maior exarcebamento dos conflitos nessa relação e possuem um interesse central nesse trabalho. Para Lopes e Gasparin (2003), a escola se transformou num lugar perigoso, em que não é possível prever o que pode acontecer, seja na sala de aula ou fora dela, pois professores parecem desconhecer seus alunos e apresentam receio em serem agredidos fisicamente. Por outro lado, alunos não confiam mais em seus professores, para alguns a figura do professor é repressora e hostil.

Nesse sentido a violência intensificada na escola tem aumentado os conflitos e a complexidade da relação professor-aluno sofre alterações na qual os padrões tradicionalmente aceitos já não dão conta de regular essa relação. No trabalho de Charczuk e Balbinotti (2003, p. 31) com relação à ocorrência de fatos ligados à violência em duas escolas (pública e privada) de São Leopoldo no Rio grande do Sul, sobre os tipos de violências que mais incidem na escola, os professores assim se manifestaram: “brigas nos corredores, arruaças, ameaças, pegadas de automóveis nos

arredores da escola, agressões verbais de alunos contra professores, provocações entre alunos e fofocas”. Com relação a escola particular as agressões verbais e em seguida a agressividade foram as mais citadas. Os professores ainda mencionaram: o “uso de drogas fora da escola, as agressões físicas, assaltos nos arredores da escola, brigas no recreio, banheiros riscados e a intolerância dos alunos”.

A esse aspecto Vagostello et al. (2003) apontam que mesmo com a existência de violência na escola, os professores embora sejam capazes de identificá-la entre seus alunos, ainda apresentam muitas dificuldades para se abordar, que por esse motivo termina por ser equivocadamente tratado. É um fenômeno que aumenta a cada ano, e se manifesta de diversas formas, o que possibilita um campo vasto a ser investigado. Como afirma Kohatsu e Dias (2009) em seus estudos não é possível compreender a violência que atualmente ocorre nas escolas desconectada da que existe na sociedade. Há, entre elas, uma relação dialética que não pode ser desconsiderada.

METODOLOGIA

Natureza da Pesquisa

De acordo com Gil (2008), esse estudo tem delineamento na Pesquisa de campo, de natureza aplicada, com abordagem quantitativa e qualitativa. Quanto aos seus objetivos é um estudo exploratório. Optou-se pela pesquisa quali-quantitativa por configurar-se em um estudo misto que, de acordo com Santos et al., (2017 p. 3), propicia o entendimento mais amplo sobre o fenômeno de interesse de uma forma que não se obteria com a utilização de apenas uma dessas abordagens científicas.

Lócus e Participantes

O lócus desse estudo são duas escolas de ensino médio da rede pública do município de Macapá, localizadas no bairro central e na zona norte, que são escolas que apresentam um índice elevado de violência escolar, de acordo com os dados do Policiamento escolar do Estado do Amapá, Boletim estatístico Nº 017/2017 - Divisão de Estatística da Diretoria de Operações da Polícia Militar do Estado do Amapá de 2017. Os participantes do estudo foram docentes destas instituições de ensino, tal que, a seleção obedeceu aos seguintes critérios de inclusão: docentes concursados; de ambos os gêneros; com experiência de no mínimo cinco anos na educação básica; com interesse em participar deste estudo de pesquisa.

No primeiro momento da coleta foi aplicado o questionário a (47) quarenta e sete professores. Os critérios foram definidos no intuito de que os participantes contribuíssem com suas experiências, a partir do seu conhecimento profissional em interface com a violência a qual estes docentes estão inseridos. A posteriori aplicou-se a entrevista semiestruturada a (07) sete docentes da amostra total que manifestaram interesse em participar dessa segunda fase da pesquisa. A finalidade dessa segunda etapa é identificar as impressões pessoais, vivências no ambiente escolar, como também perceber questões referentes a subjetividade de cada entrevistado(a), devido não ser possível perceber na simples aplicação do questionário.

Coleta de Dados

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram o questionário e entrevista semiestruturada. Segundo Gil (1999) o questionário pode ser definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito as pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas situações vivenciadas. Os docentes selecionados(as) receberam questionários com questões abertas e fechadas, sobre o tema violência na escola, de acordo com o objetivo da pesquisa que busca identificar suas percepções, com o foco na relação professor aluno, os tipos de violências, causas da violência na escola e formas de intervenções para o enfrentamento do problema.

Na segunda etapa, foi aplicada a entrevista semiestruturada, buscando maior aproximação com a experiência vivenciada pelo professor no cotidiano escolar. Marconi e Lakatos (1999), afirmam que a entrevista semiestruturada trata-se de um método flexível de obtenção de informações qualitativas, que requer um bom planejamento prévio e habilidade do entrevistador para seguir um roteiro, com possibilidades de introduzir variações, se necessárias, durante a sua aplicação.

Análise dos Dados

A análise dos dados se deu em duas etapas devido à natureza do estudo qualitativo caracterizado por estudo misto. Para a análise dos dados coletados foi realizado a análise exploratória dos dados visando a construção do perfil docente, em que os resultados são apresentados em forma de tabelas e gráficos. Essa metodologia de acordo com Bussab e Moretin (2013), visa resumir em distribuições de frequências um

conjunto de observações, e apresentar sinteticamente os resultados em relação as variáveis observadas mediante gráficos e tabelas.

Na metodologia qualitativa se utilizou a técnica de análise de conteúdo, tal como, é discutido em Bardin (2009) que se caracteriza, na visão de Silva, Gobbi e Simão (2005), pela decomposição do discurso e identificação de unidades de análise ou de grupos de representações que estão presentes nas falas dos participantes com a finalidade de categorizar os fenômenos por meio da técnica de categorização.

Condições Éticas

A pesquisa obedeceu aos procedimentos éticos. No momento da coleta de dados foi esclarecido aos entrevistados que seus nomes não seriam mencionados na pesquisa, mas codificados por letras, e que seria omitida qualquer informação de sua identificação. Na ocasião, todos os docentes foram convidados a ler e a assinar um TLCE (Termo Livre de Consentimento Esclarecido).

Resultado das Análises Quantitativas

Quanto ao perfil dos docentes participantes desse estudo suas idades variaram de 25 a 68 anos, tendo a idade média de 44, anos. Todos os docentes possuem nível superior e com pós-graduação *lato sensu* são 40, perfazendo 85,11% como consta na Tabela 1, o que confere a estes, teoricamente um conhecimento profissional acerca da complexidade da educação. O tempo que desempenham suas funções, consta em mais de 10 anos, e cerca de 23,40% dos docentes trabalham em mais de uma instituição, dentre estes, 54,55% em outra escola pública e 45,55% na rede privada de ensino, e em sua maioria trabalham em média cerca de (40 horas) semanais (Tabela 1).

Quanto ao nível de satisfação com a profissão, verificou-se que 89,36% dos docentes afirmaram gostar de sua profissão, e 53,19% avaliaram sua relação com os alunos como muito boa, seguidos de 25,53%, que avaliaram como boa (Tabela 2). Considerando a intenção dos docentes em mudar de profissão, 40,43% responderam que não, 34,04% algumas vezes, e 25,53%, responderam que sim, e os principais motivos para mudar de profissão foram a desvalorização (46,80%), salário (19,15%), insegurança na escola (14,89%), e 6,38% apontaram insatisfação com a atuação profissional.

Tabela 1: Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto a Sua Qualificação e Atuação Profissional.

Variável	Categoria	Percentual
Possui Pós-Graduação?	Sim	85,11
	Não	14,89
Concursado(a) a quanto tempo?	Até menos de 5 anos	12,77
	De 5 a 10 anos	6,38
	Mais de 10 anos	80,85
Trabalha como professor(a) em outra Instituição?	Não	76,60
	Sim	23,40
Se Sim, qual tipo de escola?	Privada	54,55
	Pública	45,45
Carga Horária Total	20 horas	6,38
	40 horas	78,72
	52 horas	2,13
	60 horas	8,51
	75 horas	2,13
	80 horas	2,13

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tabela 2: Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto a Sua Satisfação Profissional.

Variável	Categoria	Percentual
Gosta da sua profissão?	Sim	89,36
	Em parte	8,51
	Não	2,13
Classificação da relação com o aluno	Ótimo	19,15
	Muito Bom	53,19
	Bom	25,53
	Razoável	2,13
Já pensou em mudar profissão?	Não	40,43
	Algumas vezes	34,04
	Sim	25,53
Se Sim, por qual Motivo? (Quatro maiores)	Desvalorização	46,80
	Salário	19,15
	Insegurança na escola	14,89
	Insatisfação	6,38

Fonte: Elaborada pelos autores.

Quanto a percepção da violência na escola foi evidenciada a comunicação agressiva, atitudes grosseiras, agressão física e depredação (Tabela 3), essas atitudes são consideradas violentas pelos entrevistados, pois violam as normas de respeito, diálogo e boa convivência no meio escolar, além de não afetam somente os docentes, mas todos

os sujeitos envolvidos nesse contexto. Quanto aos motivos que poderiam causar a violência na escola, a maior parte dos docentes referiu-se a desestrutura familiar, envolvimento com drogas, envolvimento com o crime, falta de diálogo na escola e período da adolescência (Tabela 3). Dentre os 47 docentes entrevistados, 40,43% afirmaram ter sido vítimas de violência por partes dos alunos, onde a maioria das causas deste tipo de violência (61,54%), estão relacionados a indisciplina do aluno, e insatisfação do mesmo com as notas obtidas nas disciplinas (Tabela 3).

Tabela 3: Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto a Percepção e Tipo de Violência Sofrida.

Variável	Categoria	Percentual
O que considera violência na escola? (Quatro maiores)	Comunicação Agressiva	24,49
	Atitudes grosseiras	26,53
	Agressão física	26,53
	Depredação	17,69
Motivos que podem causar a violência na escola (Cinco maiores)	Desestrutura familiar	30,02
	Envolvimento com drogas	25,71
	Envolvimento com o crime	22,86
	Falta de diálogo na escola	12,14
	Período da adolescência	7,14
Sofreu violência por parte dos alunos?	Não	59,57
	Sim	40,43
Causa da violência sofrida? (Quatro maiores)	Indisciplina	30,77
	Insatisfação do aluno com notas	30,77
	Falta de Respeito	15,39
	Em tentar manter a ordem e a disciplina	7,69

Fonte: Elaborada pelos autores.

Com relação a tomada de atitude diante da violência (Tabela 4), 78,95% dos docentes comunicaram a direção da escola, dentre os quais, 56,25% afirmaram não ter obtido resposta satisfatória à denúncia, e todos os docentes que não comunicaram a escola alegaram que o motivo foi por que os mesmos resolveram a situação pessoalmente. Contudo, 11,11% dos docentes denunciaram à órgãos externos da escola agressões sofridas, com um inquérito instaurado e o resultado de outra queixa não foi possível obter informações. Após terem sofrido violência os docentes em sua maioria alegaram ter permanecido na escola, afirmando que o problema foi resolvido com 83,34% (Tabela 4).

Tabela 4: Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto a Atitude Tomada Em Virtude da Violência Sofrida.

Variável	Categoria	Percentual
Quando foi vítima de violência, comunicou a direção da escola?	Sim	78,95
	Não	21,05
Se Sim, a denúncia produziu algum resultado?	Não	56,25
	Sim	43,75
Denunciou a órgão(s) externos a escola?	Não	88,89
	Sim	11,11
Permaneceu na escola?	Sim	89,47
	Não	10,53
Se sim, por quê?	Problema foi resolvido	83,34
	Compromisso com o trabalho e com os alunos	8,33
	Professor trocou de turma	8,33

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tabela 5: Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto aos Sintomas Apresentados após ser Vítima ou Testemunha de Violência.

Variável	Categoria	Percentual
A violência sofrida afetou sua saúde?	Sim	57,89
	Não	42,11
Sintomas apresentados por quem sofreu alguma violência	Ansiedade	35,72
	Agitação	28,57
	Dor no corpo	21,43
	Insônia	7,14
	Tensão	7,14
Presenciou alguma violência na escola?	Sim	76,09
	Não	23,91
Sintomas apresentados por quem presenciou alguma violência (três maiores causas)	Medo	33,36
	Ansiedade	25,93
	Agitação	14,81

Fonte: Elaborada pelos autores.

Dentre os docentes que sofreram algum tipo de violência na escola, a maioria (57,89%), afirmou que após este fato sua saúde foi afetada, o qual os principais sintomas decorrentes foram ansiedade (35,72%) e agitação (28,57%), como é possível observar na Tabela 5. A maioria dos docentes afirmou ter presenciado algum tipo de violência na escola (76,09%), dentre estes, os principais sintomas apresentados foram semelhantes aos dos docentes que foram vítimas diretas da violência nas escolas, com o diferencial que estas testemunhas também desenvolveram em sua maior parte medo (33,36%), além de ansiedade (25,93%) e agitação (14,81%), após presenciar práticas de crimes nas escolas.

Tabela 6: Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto ao Local e Pessoas Envolvidas no Ato de Violência.

Variável	Categoria	Percentual
Local onde ocorre mais violência	Na escola	68,29
	No entorno da escola	24,39
	Na quadra	7,32
Envolvidos na violência presenciada	Aluno e Aluno	42,00
	Professor e aluno	32,00
	Aluno e Funcionário	12,00
	Professor e funcionário	10,00
	Aluno e Não aluno	2,00
	Professor e Professor	2,00

Fonte: Elaborada pelos autores.

O local onde os docentes mais presenciaram atos de violência foi na própria escola (68,29%), e outros locais citados foram no entorno da escola (24,39%), e na quadra de esporte (7,32%) da escola. A violência comumente presenciada no ambiente de trabalho dos docentes, ocorreu na maior parte entre os alunos da escola (42,00%), seguida de violência entre docentes e alunos com 32%, como pode ser visto na Tabela 6.

Tabela 7: Perfil dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto ao Tipo de Violência mais Praticada e Utilização de Drogas Ilícitas.

Variável	Categoria	Percentual
Tipo de violência é mais presente na escola em que trabalha?	Verbal	67,27
	Ameaça	14,55
	Física	10,91
	Psicológica	7,27
Existem casos de alunos envolvidos com drogas?	Sim	97,73
	Não	2,27

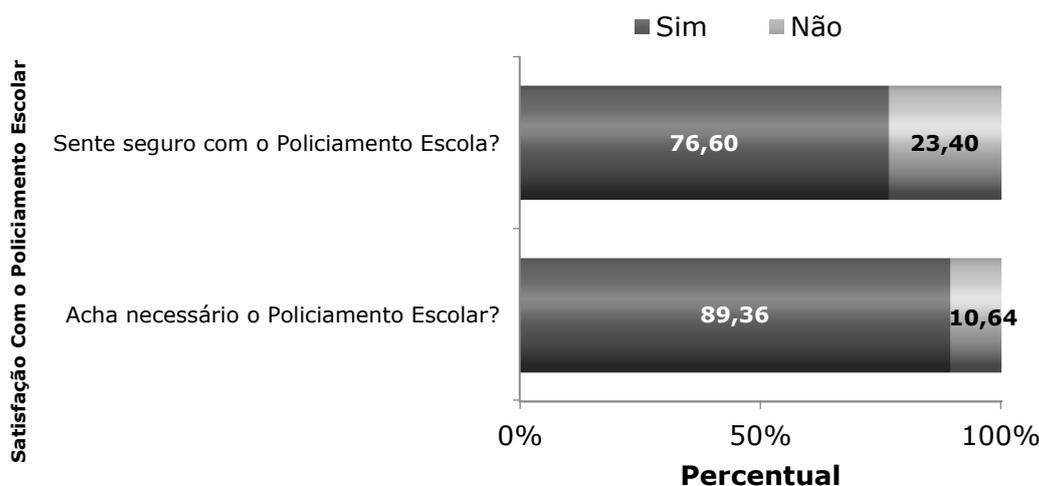
Fonte: Elaborada pelos autores.

De acordo com a Tabela 7, os docentes relataram que o tipo de violência mais presente na escola em que trabalham foi praticada refere-se à violência verbal (67,27%), seguida de ameaça (14,55%), como também violência física e psicológica, 10,91% e 7,27%, respectivamente. Quanto a presença de drogas ilícitas no ambiente escolar, quase que a totalidade dos docentes entrevistados relatou a existência de alunos envolvidos com drogas ilícitas (97,73%) nas escolas que trabalham.

Quanto ao grau de satisfação dos docentes entrevistados em relação a segurança no ambiente de trabalho, a Figura 1 demonstra que 23,40% afirmaram não se sentir

seguros nas escolas, mesmo com o policiamento atuando de forma preventiva ou/e repressiva às ocorrências de violência, conseqüentemente, a maioria dos docentes possui um sentimento de segurança pela presença policial no seu local de trabalho. Todavia, a maioria dos docentes (89,36%) acredita ser necessária a presença de policiais nas escolas (Figura 1), onde os quais, 57,14% afirmam que deve ter mais policiamento tanto dentro como fora da escola.

Figura 1: Grau de Satisfação dos Docentes de Duas Escolas do Município de Macapá, no Estado do Amapá, Durante o Ano de 2018, Quanto a Presença Policial no Interior e Entorno das Escolas.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Resultados das Análises Qualitativas

Com a aplicação da técnica de categorização, foi possível identificar algumas frequências nas falas dos docentes entrevistados, acerca da percepção da violência na escola. A opção pela análise conjunta das duas escolas campo, justifica-se em virtude dos resultados obtidos apresentarem similaridades apesar das especificidades comuns a cada escola, o que invariavelmente não inviabiliza tal análise. Ressalta-se que não há interesse em comparar os resultados encontrados nessas duas escolas de ensino público, porém, compreender como estes docentes percebem a violência nas escolas que atuam; o que consideram atos violentos; como a violência praticada no ambiente escolar os afeta; e quais ações desenvolvem para dirimir os conflitos que podem resultar em práticas de violência.

As categorias de análise qualitativa que emergiram da fala dos docentes entrevistados foram: diálogo (f = 11); caracterização da violência (f = 11); desestrutura

familiar (f = 6); sensação de insegurança (f = 6); policiamento escolar (f = 6); uso de drogas (f = 5); projetos de prevenção(f = 4).

Quadro 1- Categorias, Frequência e Unidades de Registro Para Aplicação da Nuvem de Palavras no Corpus da Pesquisa Utilizada pelo *Software* de Análise Qualitativa.

Categorias	Frequência	Unidades de registro
1) Caracterização da violência	11	A violência é toda agressão que extrapola e causa certo sofrimento. Ela pode ser física, verbal e psicológica. E ainda tem as ameaças.
2) Diálogo	11	Há necessidade de dialogar com os alunos, dá uma parada nos conteúdos para promover o entendimento.
3) Desestrutura familiar	06	A falta de orientação da família gera uma desestrutura familiar, por que a gente observa que os alunos que tem família presente não dão esse tipo de problema.
4) Sensação de insegurança	06	Ninguém se sente seguro em lugar nenhum muito menos na escola. A escola é um lugar hoje em dia que não podemos dizer: aqui estamos seguros.
5) Policiamento	06	O Policiamento escolar é necessário, ele ajuda a prevenir e coibir a violência dentro e fora da escola.
6) Uso de drogas	05	Na escola convivemos com alunos que usam drogas, tanto lícitas quanto ilícitas.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Caracterização da violência (f = 11)

As palavras violência, professor, aluno e escola, foram bastante mencionadas pelos docentes no momento da entrevista. Se observou no contexto da análise que essas expressões se interpenetram, e por meio delas os professores expressam suas experiências, mencionam aspectos da relação professor aluno e caracterizam a violência na escola, a partir de como a percebem.

Mediante os relatos obtidos nas entrevistas, a violência na escola é compreendida de forma ampla e abrange a todos os sujeitos, como docentes, funcionários, alunos e se manifesta por meio de comportamentos e atitudes agressivas, que enfatizam serem comuns na relação professor – aluno. Os trechos a seguir foram extraídos das entrevistas com os professores e evidenciam suas percepções acerca dessa temática:

Com relação às várias formas de violência, existe a violência verbal, a violência física, a violência psicológica. Então a verbal vai se dar quando o aluno se altera, fala mais alto, assim num tom mais agressivo, e quando também ele utiliza palavrão [...] a física são as vias de fato [...] e temos a psicológica quando o aluno o tempo todo, ele está querendo... ele faz com atitudes, te olha de certa forma, de certo jeito, ele quer através do olhar, te intimidar. Professora (A)

Eu vejo assim: que quando o aluno grita com o professor existe uma agressão verbal, isso também há entre alunos, e tem a violência física em si, e a ameaça. Professora (B)

Eu acho que violência é quando ela tinge algum direito da pessoa humana, isso vai passar pelo ponto de vista profissional e pelo ponto de vista pessoal, a partir do momento que você atingir um desses aí, você está agindo com violência. Não dá pra pessoa achar que só tem que ser de um tipo o ato Violento. Professor (C)

Violência é tudo aquilo que agride o outro. Tanto faz aluno quanto professor e funcionários em geral. Às vezes a forma com que tu falas com o outro, deixam o outro magoado. Professora (D)

A caracterização da violência compreende um universo simbólico que perpassa pelas agressões mais sutis e não exatamente os atos violentos perpetrados pela violência física. Nesse sentido Da Silva e Alves (2015) corroboram que a violência escolar tem sido concebida como um fenômeno multifacetado, que não atinge necessariamente a integridade física, mas a integridade psíquica, emocional e simbólica de indivíduos e coletividades em diversas esferas sociais, tanto no espaço público quanto privado, ao mesmo tempo em que revela situações do ambiente escolar interno ou do seu entorno,

assim como expressa a ação violenta da escola, e seus mecanismos institucionais/simbólicos.

Costa (2011) em seus estudos afirma que 65% dos professores informaram já ter sofrido algum tipo de violência por parte do aluno, e citam como exemplos dessas violências os xingamentos, insultos, ameaças, calúnias, palavrões, respostas agressivas, gestos obscenos, falta de respeito e indisciplina, confirmando os dados que a literatura aponta nos estudos de Blaya, (2006); Fernández, (2005); Abramovay, (2002); Peralva, (1997).

A caracterização da violência engloba os tipos de violências sofridas pelos professores na escola que são as manifestações de violências ocorridas no ambiente escolar e seu entorno. Com relação a essas tipologias se sobressaiu a violência verbal, e as ameaças, o uso de drogas, as depredações da escola, e as agressões físicas que são mais comuns entre os alunos e alunas.

“quando eu ia passando pra me encaminhar pra minha sala, eu vi a situação [...] a aluna já se levantava num tom de ameaça, gritando com a professora, parecia que ela ia atacar a professora, então já me aproximei da porta da sala e chamei a professora, [...] pra ver se quebrava aquela situação entre elas”. Professora (D)

[...] “muitas vezes... eu nem trago o aluno, eu nem digo pro aluno vamos lá na supervisão, eu saio um pouco, venho aqui chamo alguém, e alguém vai lá na sala... eu não vou bater boca com aluno, jamais! se chegar num ponto de bater boca, quantas vezes eu saio de sala de aula quando eu já estou no meu limite”. Professora (G)

[...] “de vez em quando tem aluno que é agressivo, você fala assim: olha você vai escrever um texto com no mínimo 25 linhas, aí ele entrega um texto menor, e você diz: olha, era pra ser 25 linhas, e ele diz: então complete aí professora as 25! Então isso é uma agressão, já não é uma indisciplina. É uma agressão. [...] ele pode achar que não, mas pro professor isso é”. Professor (B)

Os trechos acima referem-se as situações de desentendimentos entre alunos e professores na sala de aula, e demonstram que o clima as vezes é tenso e requer muita habilidade do professor para contornar as situações do dia a dia. A forma desrespeitosa citada pelos docentes, revelam a maneira como professores são tratados, causando uma fissura na relação destes com seus alunos, e um afastamento entre os principais sujeitos desse processo. Outro ponto observado é que há o reconhecimento por parte dos professores da violência verbal na sala de aula, e essa violência não é negligenciada, se combate, mas ela perdura.

Debarbieux (2002a) se refere à violência escolar distinguindo entre o que é passível de punição penal como (agressões sexuais, roubos, porte de armas, entre outros) e todo ato de transgressão e incivilidade dentro do espaço escolar (violência verbal, o não cumprimento de regras, a falta de respeito aos professores e colegas, e outros). Pois, se for considerado violência escolar apenas o que for passível de punição penal, não será dado o reconhecimento necessário às vítimas de violências mais sutis e que se apresentam em maior número no espaço escolar. Para Charlot (2002a) e Debarbieux (2002b), é necessário distinguir conceitualmente as diferentes manifestações da violência dentro da escola, mesmo não sendo algo fácil, mas necessária na medida em que “permite não misturar tudo em uma única categoria e porque designa diferentemente lugares e formas de tratamento dos fenômenos” Charlot, 2002b, p. 437. Nesse sentido é necessário que se tenha clareza sobre quais situações estariam incluídas na terminologia violência escolar para se pensar em estratégias.

Outro tipo de violência comumente citado nas entrevistas refere-se as ameaças, essas atitudes de intimidação são explícitas e acontecem com certa frequência, variando apenas quanto a gravidade do tipo de ameaça, como esses relatos evidenciam: “ele falou que quando eu encontrasse umas balas de ar comprimido no meu carro era pra eu saber que era ele” Professor (A); “Quando eu comecei lá nessa escola, na primeira semana de aula eu recebi um bilhete que dizia assim você vai morrer” Professor (B); “ele disse que se ele não passasse ia tocar fogo no meu carro. Professor (C).

Extraídas das entrevistas esses são alguns exemplos de ameaças sofridas por professores que permeiam de forma negativa a relação professor aluno e são indicadores das mudanças pelas quais essa relação vem passando. Esses comportamentos no ambiente escolar são considerados por Debarbieux (2002c) como incivildades e muitas vezes ganham o contorno de comportamentos desafiantes por parte de alunos que procuram chamar atenção para si, provocando a autoridade docente e desobedecendo as regras da escola, com atitudes violentas a ponto de conseguirem desestabilizar o professor e os próprios colegas interferindo negativamente no processo de ensino-aprendizagem.

O Diálogo (f = 11)

Com relação a essa categoria se verifica que no cotidiano escolar muitas questões emergem, e os conflitos ocorrem, não sendo possível ter uma visão utópica de

que o ambiente educacional seja harmônico, muito pelo contrário, é na escola que a criança vai conviver com um universo significativo de pessoas, pois em casa, algumas vezes, a convivência se dá num núcleo menor, formado pelos pais, e quando chega à escola terá que aprender a conviver com seus colegas de turma e de escola, e ter a oportunidade de aperfeiçoar seus relacionamentos, e de aprender a respeitar as pessoas e as regras sociais estabelecidas.

Durante as entrevistas se observou que os professores atribuem muitos conflitos que ocorrem na escola, principalmente em sala de aula, a falta de diálogo. Acreditam que é preciso manter o controle da turma, porém essa dinâmica é complexa, e perpassa não apenas pela autoridade do professor em si, mas fundamentalmente pelo diálogo e pelos acordos entre professores e alunos. Nesse sentido, alguns aspectos são abordados:

“Olha, muito, talvez a falta de comunicação, do diálogo em si entre aluno e professor, às vezes o professor fala uma coisa e o aluno se sente ofendido e o aluno as vezes não vem num bom dia, assim como o próprio professor não vem num bom dia, as vezes tudo acontece, mas como aconteceu, ninguém sabe explicar, o porquê que aconteceu, sabe que o aluno xinga, fala palavrão”. Professora (G).

“eu prefiro resolver na sala de aula conversando com eles, ou no serviço técnico, mas geralmente a gente tem esse diálogo, pra ver o que é que eles vão fazer, mas é difícil por que são muitos alunos, e a indisciplina também interfere”. Professora (B)

“Sim, eu sou rígida, cobro bastante, mas eu tenho um controle sobre eles por que converso muito com eles”. Professora (A)

“Às vezes o professor não quer perder a sua autoridade que ele tem dentro da sala aí vai pro bate boca, aí quando chega nessa hora de ir pro bate boca pra mim, aí o professor já perdeu a razão”. Professora (E)

No relato dos professores há uma preocupação em promover o diálogo com os alunos, e esse diálogo é muito importante, é uma ferramenta de prevenção de violências, sendo que esse exercício deve ser praticado diariamente pela escola em geral. De acordo com Nunes (2011) o diálogo visando resolver problemas passa a ser uma ação educativa, pois todos os envolvidos, sem julgamentos a priori, são responsáveis por criar soluções para os conflitos que surgem, com o foco de restaurar as relações entre as pessoas baseado no respeito mútuo e na solidariedade.

Diminuir significativamente a violência é o objetivo, pois não se pode aceitar nas escolas índices tão altos de violência fechando os olhos, fazendo de conta que nada está acontecendo. É preciso inverter essa situação, pois cada vez mais os valores de

convivência como respeito, educação, cooperação e ética são deixados de lado, comprometendo as relações humanas. Preocupa-se muito em cumprir os conteúdos escolares, mesmo havendo a compreensão de que não há uma aprendizagem de qualidade, se não houver um ambiente propício para aprendizagem.

Charlot (2005), afirma que a violência nas escolas está relacionada à relação que os estudantes têm com o saber. Pois para que o aluno aprenda, é preciso interagir por meio de uma mobilização pessoal, motivada pelo desejo de saber e de aprender. Mas os alunos em geral, acreditam que sua aprendizagem depende apenas do professor, então quando eles tiram uma nota baixa ou não aprendem, foi porque o professor não ensinou ou não explicou bem o conteúdo. Por outro lado, o professor avalia que não há interesse e vontade de aprender. Esse choque de opiniões, torna a relação em sala de aula tensa, e os conflitos aparecem e muitas vezes as atitudes violentas emergem

Desestrutura familiar (f = 6)

Essa categoria perpassa pela motivação dos atos de violências praticados pelos alunos na escola, tanto contra os professores quanto contra os colegas, funcionários da escola, e/ou pelos atos de vandalismo, como a depredação dos prédios escolares. O reflexo da família é citado pelos professores, ao avaliarem, que a falta de orientação por parte dos pais, seria uma das causas responsáveis pelos atos de incivildades praticados por alunos na escola, sendo indiscutivelmente o elemento marcante dessa representação social.

“Antigamente a família patriarcal era o pai a mãe e os filhos, com a desestruturação das famílias que foi se dilacerando, começou a ter vários problemas que tem influência em tudo que chega na escola. Geralmente alunos que dão problemas na escola são alunos problemáticos na família”. Professor (H)

“A questão da desestrutura familiar, porque a gente observa que os alunos que tem a família presente não dão esse tipo de problema, ele não age dessa forma, e quando acontece, porque as vezes acontece, a gente chama a família que nem sempre é só o pai ou a mãe, as vezes ele mora com avô, com tio, mas quando a família se faz presente acaba que o desentendimento se resolve”. Professora (G)

“O principal fator que eu percebo é que parece que tem uma desestrutura familiar, parece que aquela pessoa não é acostumada a respeitar pai e mãe, que não tem limites, [...] a fala da pessoa é uma fala agressiva, usa palavrões, você percebe que é alguma coisa lá atrás na família que já não está funcionando. Ela não é acostumada a obedecer a regras a ter limites a respeitar a figura das outras pessoas, não só a do professor, mas do colega também” [...]. Professora (D)

“Ah o meu pai sai pra um lado com a minha mãe e eu vou pro outro” o professor pondera: “ há uma liberdade que não era pra ser, pro adolescente entender que aqueles são seus pais, então eles já perderam esse conceito de hierarquia dentro da família [...] ou seja, essa hierarquia não vai acontecer na escola porque ele acha que o professor está abaixo do pai, e se o pai não cobra porque o professor vai cobrar? Professor (F)

[...] “Mas essa questão do limite na minha visão tem muito a ver com a família e agente cobra muito isso aqui, porque se a família não está presente, é uma família ausente, e o comportamento do aluno é muito diferente, eu tenho aqui alunos que a família não acompanha. E por mais que a gente cobre continua do mesmo jeito”. Professora (A)

A expressão desestrutura familiar foi citada por grande parte dos professores externalizando o sentido atribuído por Campos (1993), ao afirmar que a família tem como função precípua prover a assistência espiritual, psicológica, material, moral e de socialização de seus membros, sendo uma instituição social imprescindível, devido as funções que desempenha. Nesse sentido, acredita que dentre as tarefas mais importantes da família está a de preparar seus membros para a vida em sociedade, sendo que quando esse processo é burlado, a sociedade poderá entrar em colapso. A partir desse entendimento se verifica que o termo *desestrutura* pode ser entendido como uma falha advinda dessa função atribuída a família que vai gerar consequências não apenas na escola, mas na sociedade em geral.

Nesse sentido, muitas falas se apresentam com as mesmas características demonstrando que a relação na escola parece depender mais do modelo de relação que o aluno experimenta no seio familiar, do que da relação construída entre professores e alunos na escola. Como assinalam Gonçalves e Spósito (2002b, p.104) “a externalização das causas da violência é conveniente do ponto de vista político e institucional, na medida que esta lógica retira do sistema de ensino sua responsabilidade sobre o processo de produção e enfrentamento da violência”. Não é desconsiderado o contexto social de inúmeras violências no qual a escola está inserida, mas se observa na fala dos professores, que parte deles, não atenta para o ambiente, por vezes conflituoso da sala de aula, que emana da relação professor e aluno. A visão da violência na escola é unilateral, e em sua maioria atribuída apenas ao aluno.

Sensação de insegurança (f = 6)

Um dos aspectos centrais desse estudo foi a (in)segurança na escola. Quanto a essa questão os professores relatam que se sentem inseguros na escola, devido aos conflitos vivenciados na sala de aula, que se não forem mediados, podem se tornar atos

de violência, mas também se referem as violências que emergem do contexto extraescolar. Se observou que os professores apresentam um certo estado de alerta ao adentrarem a escola, e afirmam que a cada ano que passa essa tensão aumenta. Nos relatos abaixo se pôde perceber alguns elementos implícitos e explícitos dessas questões:

“Estou com medo, eu tenho medo porque não sei o que eles podem fazer contra mim, não é? Eu não sei até onde um jovem desse pode chegar, e se a própria família pode apoiar, por se sentir prejudicada, uma atitude extrema dele, ou querer me jogar na justiça, [...] e eu estou grávida de 07 meses, ele poderia pensar, não vou aborrece-la porque ela está grávida, ainda me chama de perturbada, não entrega o trabalho e alega que eu o violentei”. Professora (I)

“Eu me sinto segura de dia, eu não me sentiria a noite por que eu ouço muitos relatos de alunos que cumprem medida socioeducativa, alunos que estão com faca, a gente não pode saber quais são esses alunos que cumprem esse tipo de medida, as vezes a gente sabe por que alguém deixou escapar, mas em geral não somos informados”. Professora (B)

[..] “Então aconteceu isso, pularam o muro lá atrás, aí colocaram arma na cabeça da professora, que estava dando aula na primeira sala, lá atrás a noite, isso aconteceu a noite. Quando foi no outro dia, estava todo mundo já meio em pânico com o que tinha acontecido, aí quando foi na mesma semana três moleques pularam o muro, daí foi aquela coisa”. Professora (G)

“Os meninos da manhã sofrem muito com isso, então quando não tem o sexto horário que eles saem meio dia, a gente recomenda pra eles não irem sozinhos, não andarem sozinhos, principalmente pela rua da direita que é bem mais perigosa que essa da arena, tem muita violência no entorno da escola, é bom que andem juntos”. Professor (F)

“Se eu falar que me sinto segura, eu acho que nesse país ninguém se sente seguro, e a escola é um lugar hoje em dia que não podemos dizer: aqui estamos seguros, já não é um lugar de segurança, já não se respeita mais a escola. Qualquer bandido pode pular o muro, pode tentar chegar aqui e roubar a escola, como o caso de uma professora aqui na escola, que foi colocada uma arma na cabeça dela, ela teve que se ajoelhar”. Professora (D)

Ruotti, Alves e Cubas (2006) se referem aos diversos tipos de violência que atingem a escola. É uma violência que se revela por inúmeras situações e atitudes caracterizadas como desrespeito ao próximo, atitudes grosseiras, xingamentos, considerados como incivildades. Essas violências que tem sido banalizadas, andam na contramão do processo de socialização e do processo de ensino aprendizagem, que é uma das funções primordiais da escola. Os autores afirmam que além dessas violências, existe uma violência mais perceptível e real, que bate à porta das escolas, cotidianamente, e coloca em risco a integridade física de alunos e professores e funcionários em geral.

As violências que atingem a escola de fora pra dentro são os roubos, os furtos, e as invasões de gangs e/ou grupos, para depredar, para acerto de contas com alunos, para cometer atentados, além de outras situações que demonstram a insegurança da escola. Neste contexto, se pode afirmar que há consonância entre com o conceito de Charlot (2002) sobre as modalidades de violência na escola, que o autor denomina e diferencia, sem, no entanto, separá-las, são elas: a violência a escola, violência na escola e violência da escola.

O Policiamento escolar (f = 6)

Da costa (2017) conceitua Policiamento escolar a atividade policial ostensiva que tem o objetivo de proteger a comunidade escolar e proporcionar segurança aos estabelecimentos de ensino. Essa atividade policial ocorre mediante visitas comunitárias às escolas, patrulhamento do entorno, palestras com orientações de segurança pública, e reuniões periódicas com a comunidade escolar. Atuando na prevenção, identificação e solução de problemas relacionados à violência e criminalidade no meio escolar e no perímetro escolar.

“E à noite, teve aqui o maior vandalismo, apagaram a energia, apagaram o colégio todo. Cadeira rolava por tudo quanto era lugar, por isso é que nós colocamos quatro policiais dentro da escola [...] eu fui pra detrás da porta, com uns três alunos, deixei o pau quebrar, porque eu ia fazer o quê? Nada. Eu senti horror.” (Prof.ª/escola pública do Ens. Fundamental), Ristum (2001: 176)

Gonçalves e Spósito (2002) afirmam que embora haja fragmentação nos estudos relacionados ao fenômeno da violência na escola, os anos 90 apontam um período de mudanças no padrão de violência nas escolas públicas, que começa se manifestar não somente por meio de atos de vandalismo, mas também práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil. As agressões verbais e as ameaças tornam-se mais frequentes. Sendo que esse fenômeno alcança também as cidades médias e as regiões menos industrializadas do país. No Brasil a literatura pesquisada em autores como: Kappel (2014); Ruotti (2010); Da Silva (2015), evidencia essa questão, demonstrando que esse problema vem se acirrando no decorrer dessa última década.

“As vezes a gente pensa assim: ah porque esse é um braço violento do estado, dentro da instituição, mas olha, pelas circunstâncias que nós vivemos hoje em dia, que não está fácil, é necessário, ainda mais quando o policial é preparado”.
Professor (I)

“Eu tenho respeito pelo policiamento escolar, eu me sinto muito bem quando a gente vai sair de uma programação ou até mesmo do horário noturno que vê o policiamento ali dando uma volta pela escola, eu acho uma situação muito tranquila, e são respeitosos, conversam com os alunos”. Professora (D)

[...] “De qualquer forma coíbe a violência, coíbe o uso de drogas, e até para os alunos terem uma outra visão, porque parece que a polícia é só pra bater em bandido, pra ter uma outra visão, uma visão de polícia preventiva também”. Professora (B)

Os relatos demonstram que o policiamento escolar é bem-vindo, os professores o consideram necessário para diminuir a sensação de insegurança na escola. O fato da escola poder acionar esse serviço a qualquer momento, traz confiança aos professores, ao mesmo tempo que funciona como uma parceria e/ou alternativa na resolução dos conflitos na escola. Dentre as ações realizadas pelo Policiamento, tem-se a ronda as escolas, essa ação é frequente, e as viaturas policíacas com ou sem ocorrências, se posicionam a frente das escolas ou adentram as mesmas, com intuito de prevenir ou coibir possíveis violências.

Diante das ocorrências de violência na escola que se caracterizam pelos ataques a escola como também são geradas nas relações travadas entre os sujeitos no ambiente escolar, as atividades policiais tem sido reconhecidas como necessárias, num cenário em que cada vez mais a escola perde o controle, e sozinha não vem dando conta de resolver os problemas que se manifestam na escola diariamente.

Uso de drogas (f = 5)

A presente categorização denuncia um quadro que se apresenta nas escolas, e denota um aspecto negativo que anda na contramão da formação de adolescentes e jovens, e contribui para a sensação de insegurança na escola, como demonstra o VI Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas entre os Estudantes do Ensino Fundamental e Médio (SENAD, 2010), segundo o qual 42,4% dos estudantes brasileiros declararam ter consumido álcool no último ano e 9,9% terem feito uso de alguma droga (exceto álcool e tabaco).

“A gente vive apreensiva aqui, por que lidamos com todo tipo de pessoa, tem a questão de roubos e furtos, até diminuiu um pouco, e tem muito aluno usuário de drogas, muito! Teve um tempo aqui que a gente entrava na sala e sentia o cheiro da droga”. Professora (A)

“Cresceu muito o uso de drogas nas escolas, a gente observa muito isso, mas é muito difícil você tocar nessa questão das drogas, você tem que ter uma

formação pra isso, pra você saber chegar, por que você não pode incriminar a pessoa sem ter prova”. Professora (B)

“Sim, eu sentia o cheiro da droga aqui. Todas as escolas estão assim”.
Professora (C)

Os professores enfatizam que se acham despreparados para o enfrentamento do uso de drogas por alunos na escola, porém, acreditam que é papel da escola criar mecanismo que propicie maior integração entre a escola e a família, e apontam como intervenções positivas os projetos, a busca de diálogo com os alunos, a realização de atividades relacionadas ao esporte, arte e cultura, bem como a proposição de momentos de reflexão sobre diversos temas referentes à adolescência, como importantes ações de prevenção que devem fazer parte do currículo da escola e portanto, devem estar presentes no cotidiano escolar.

Projetos de prevenção a violência (f = 4)

São muitos os problemas vivenciados pela escola, os professores relatam que além dos conteúdos escolares é necessário se trabalhar a partir de projetos, de forma mais dinâmica, trazendo para escola questões cruciais que atingem diretamente o alunado como o uso de drogas, questões de gênero, o respeito ao meio ambiente e a violência nas suas mais diversas tipologias. Os professores em sua maioria, foram categóricos em afirmar que os projetos não possuem a importância que deveriam ter no currículo escolar. As escolas se preocupam muito com o cumprimento de conteúdo, e menos com uma educação cidadã.

“Estou há 12 anos na escola, e de vez em quando vem uns projetos, ou nós fazemos. No ano passado os diretores que estavam na escola tiveram uma atenção maior quanto a isso, perceberam até questões de pedofilia. Foi feito o projeto da violência e abordamos vários aspectos”. Professora (D)

“Eu desconheço. Os projetos são tocados pelos professores, pela coordenação eu não vejo. Eu acho que inclusive o pessoal está preocupado em aprovar o aluno e não em fazer projeto[...] Todo mundo fala em projeto, mas todo mundo tem que fazer ENEM não é isso??” Professor (C)

“A gente já trabalhou aqui um projeto e vai ter agora a culminância dele vai ser em dezembro, se eu não me engano que é trilhando os caminhos da paz, aí depois desse dos jogos que está acontecendo essa semana a gente já vai começar o trilhando os caminhos da paz. A gente acha que talvez por isso tenha melhorado muito essa questão”. Professora (G)

Nesse sentido, a importância dos projetos como componentes dos currículos das escolas são necessários e trabalham de forma mais dinâmica a transversalidade do

currículo. Segundo Bicalho (2013) quando se fala em cultura da paz e boa convivência é preciso compreender que esse trabalho vai ter como foco o respeito a diversidade a vida a rejeição de todas as formas de violência, o fortalecimento do diálogo e a escuta compreensiva, a preservação do meio ambiente, a solidariedade, a busca equilíbrio nas relações de gênero e etnias, o fortalecimento da democracia e dos direitos humanos. Tudo isso faz parte da cultura de paz e convivência.

Considerações Finais

A violência escolar é um fenômeno de diferentes níveis e múltiplas determinações. Portanto, a análise deste fenômeno não pode ser feita de maneira reducionista, nem a partir de explicações totalizadoras, que impedem considerar como a escola institui e controla as relações que ocorrem em seu interior.

Para o enfrentamento da violência na escola o primeiro passo a ser dado seria a escola pensar num projeto coletivo que atenda ao contexto da realidade a qual está inserida, democratizando as relações entre os membros da comunidade escolar e fortalecendo os vínculos interpessoais. Para isso, é preciso reconhecer e respeitar as diferenças, e garantir um tratamento igualitário a todos, criar um canal de participação para professores, alunos, funcionários e comunidade, e estabelecer em conjunto regras claras, acessíveis frutos de discussões coletivas na escola. Seria necessário a implementação de planos de ação e de projetos por parte da escola e de outros setores da sociedade civil, e de políticas públicas que possam fortalecer a rede de ensino público no Brasil. Essas ações integradoras poderiam contribuir para melhoria das escolas, do seu espaço físico da estrutura pedagógica, buscando o desenvolvimento de mecanismos e estratégias que possibilitem novas formas de socialização a fim de prevenir e reduzir os diferentes tipos de violência escolar.

Nesse estudo se verificou com relação a prevenção da violência na escola e as iniciativas para construção da cultura de paz, que as ações são discretas, ao mesmo tempo em que há um reconhecimento por parte dos docentes e da escola de que atitudes de enfrentamento precisam ser tomadas, porém essas atitudes se dão mais de forma pontual e esparsas, em função das situações de violências que ocorrem no cotidiano. Se observa que não há um projeto para fortalecer a cultura de paz nas escolas e quando é

implementado, há falhas na continuidade desses projetos, mesmo a escola tendo um diagnóstico dessa necessidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. Juventudes e sexualidade. Brasília: Edições UNESCO Brasil, 2004.
- ABRAMOVAY, M. Violências nas Escolas. Brasília: UNESCO, 2002.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BICALHO, M. Cultura de Paz: Convivência e cultura de paz. 2013. Disponível em: <http://convivenciaepaz.org.br/cultura-de-paz/> acessado em: 05 mar. 2019.
- BLAYA, C. Violência e maus tratos em meio escolar. Instituto Piaget, 2006.
- BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. Estatística básica. Editora Saraiva, São Paulo, 2013.
- CHARCZUK, S. B.; BALBINOTTI, M. A. A. Violência na Escola: percepções de professores e alunos do ensino público e particular de São Leopoldo, RS. Educação: Teoria e Prática, p. 29-29, 2003.
- CHARLOT, B. Da relação com o poder. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CHARLOT, B. Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- COSTA, P. A. S. Manifestações de violência no cotidiano escolar. In: X Congresso Nacional de educação – Eduurare. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/6206_3586.pdf. 2011.
- DA COSTA, Leon Denis. Policiamento escolar: o trabalho policial em Goiânia-GO. **Revista Brasileira de Estudos de Segurança Pública**, v. 10, n. 1, 2017.
- DA SILVA, S.L; ALVES, A. S. M. L. A criminalização da juventude no discurso midiático da violência escolar em Belém-PA. Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, v. 2, n. 3, p. 110-130, 2015.
- DEBARBIEUX, E. ANÁLISIS DE LASITUACIÓN, POLÍTICAS PÚBLICAS E INVESTIGACIONES. Revista de educación nº 313. La violencia en los centros educativos, n. 313, p. 79-93, 1997.
- DUARTE, V. Relações interpessoais: professor e aluno em cena. Psicologia da Educação, São Paulo, n.19, p. 119-142, ago./dez. 2004.
- FERNÁNDEZ, I. G. Prevenção da Violência e Solução de Conflitos: o clima escolar como fator de qualidade. São Paulo: Madras, 2005.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GONÇALVES, L.A.O.; SPOSITO, M. P.. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 101-138, 2002. 12.
- KAPPEL VB, GONTIJO, DT; MEDEIROS, M; MONTEIRO, EMLM. Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva os diferentes atores. Interface (Botucatu). 2014;18(51):723--- 35.
- KOHATSU, L.N.; DIAS, M. A. L. Sociedade e Escola: produção e resistência à violência. de Paula, FV, D Aurea-Tardeli, D. (org.) Violência na escola e violência da escola. Desafios contemporâneos à Psicologia da Educação. São Bernardo do Campo: Metodista, 2009.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados. São Paulo: Atlas, 1999.
- LOPES, C. S.; GASPARIN, J. L. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 25, n. 2, p. 295-304, 2003.
- NUNES, A. O. Como Restaurar a Paz nas Escolas. São Paulo: Contexto, 2011.

PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural. 1997.

RISTUM, M. O Conceito de Violência de Professoras do Ensino Fundamental, 2001. Tese de Doutorado, Salvador: Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

SANTOS, J. L. G. ERDMANN, L.A; MEIRELLES, S.H.B; LANZONI, M.M.G; CUNHA, P.V; ROSS, R. INTEGRATING QUANTITATIVE AND QUALITATIVE DATA IN MIXED METHODS RESEARCH. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 26, n. 3, 2017.

VAGOSTELLO, L; OLIVEIRA, S.A; SILVA, M.A; DONOFRIO, V; MORENO, M.C.T. Violência doméstica e escola: um estudo em escolas públicas de São Paulo. *Paidéia*, v. 13, n. 26, 2003.

SENAD. VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino nas 27 capitais brasileiras. Brasília, DF: Cebrid, 2010. Disponível em: Acesso em: 12 jan. 2019.

SILVA, C. R. GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

RUOTTI, C.; ALVES, R.; CUBAS, V. O. Violência na escola: um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, 264p.

RUOTTI, C. (2010). Violência em meio escolar: Fatos e representações na produção da realidade. *Educação e Pesquisa*, 36, 339-355.

CAMPOS, L. D. A nova família. In: TEIXEIRA, Sávio de Figueiredo (Org.) *Direitos da família e do menos*. 3 ed. Belo Horizonte: Del Rey, 1993. P. 22-25.

CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS, RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS E CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIEDADE

3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciando o problema de pesquisa acerca da violência contra professores nas escolas, e como foco central a relação professor aluno enquanto objeto de investigação, esse estudo pautou-se por compreender esse fenômeno, caracterizando-o como o termômetro de que a relação professor-aluno sofreu modificações gerando conflitos de todas as naturezas na escola, e em específico em sala de aula. Percebeu-se também que a violência no entorno da escola é uma realidade e traz prejuízos consideráveis a comunidade escolar.

A hipótese inicialmente levantada que conduziu as essa pesquisa foi negada uma vez que, apesar das ações efetivas do Policiamento escolar nas escolas a violência persiste necessitando, portanto, da ação conjunta dos órgãos de gestão da educação, da escola, da comunidade do entorno e da sociedade para que esse quadro possa ser modificado por meio do fortalecimento da cultura de paz na escola.

Acredita-se que a escolha pelo método qualitativo e quantitativo aliada a pesquisa de campo, tornou possível alcançar os objetivos propostos neste estudo, porque, proporcionou uma aproximação entre os principais agentes envolvidos no contexto de violência, no caso os docentes, favorecendo uma verificação do problema da pesquisa *in loco* com toda sua riqueza de detalhes. Pois no convívio, mesmo temporário, nas escolas campo foi possível perceber diversas questões que ocorrem no dia a dia da escola, e como professores e alunos reagem as essas situações, como dialogam, como trocam informações, como se relacionam na sala de aula, e as relações entre os alunos na escola.

Os esforços empreendidos no levantamento desse estudo foram imprescindíveis para a compreensão dessa temática de pesquisa, com destaque nas áreas de Educação, Ciências Sociais e Psicologia, como áreas do conhecimento expressivas em relação ao tema. Isto possibilitou afirmar que o debate a respeito da violência escolar não se limita apenas à educação, pois profissionais de outras áreas também têm se ocupado em estudar esse fenômeno, que por sua natureza exige abordagens articuladas e interdisciplinares.

Nesse contexto, essa pesquisa pode ser de grande valia a sociedade, e em especial à educação pública do Estado do Amapá, por retratar a realidade encontrada nas escolas pesquisadas, e sobretudo, por refletir de forma contextualizada as práticas que ali se concretizam, e portanto, requerem uma avaliação constante. Outro fator percebido neste estudo científico diz respeito a pouca atuação de pesquisadores da Região Norte. Sabe-se que apesar da violência na escola perpassar contextos diversos, há uma baixa produção científica nessa área de conhecimento, o que demonstra pesquisas ainda não muito concentradas nas Regiões Sul e Sudeste.

A importância dessa dissertação consiste em estar voltada aos profissionais da área de educação, que no desempenho de suas funções se deparam diariamente com situações de violência e convivem com a sensação de insegurança na escola. Se constatou, com essa pesquisa que esse fenômeno é mundial e atinge as escolas Brasileiras de todas as regiões do país em maior ou menor escala, afetando consideravelmente as relações travadas nesse ambiente, especialmente as relações entre docentes e discentes, que vem se configurando por atos de violência, como se observa nos resultados dessa pesquisa.

Nesse sentido, se considera urgente discutir a violência que ocorre nas escolas da região norte atentando as singularidades da região amazônica, na qual está situado o Município de Macapá, no Estado do Amapá, com o intuito de conhecer como se dá a violência escolar, e contribuir de forma mais contundente na produção de conhecimento desse estado e por conseguinte dessa região.

3.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

A temática abordada é constituída por diversos vieses que podem ser investigados com mais profundidade, portanto, esse estudo não teve a intenção apenas de conhecer parte desse fenômeno, mas instigar a realização de novos estudos que possam vir trazer contribuições relevantes a sociedade acerca do tema. Nesse sentido, algumas sugestões de pesquisa que possam contribuir com o tema:

a) A relação entre a veiculação da violência na escola produzida diariamente pela mídia e a sensação de insegurança na escola.

b) Levantamento de propostas educativas alternativas desenvolvidas em escolas da rede pública que apresentem uma inovação quanto ao enfrentamento da violência na escola.

c) Estudos que abordem a indisciplina como geradora de conflitos em sala de aula numa perspectiva pedagógica com vistas a compreensão desse fenômeno e suas especificidades.

3.3 CONTRIBUIÇÕES PARA A SOCIEDADE

As reflexões advindas desta dissertação podem trazer contribuições efetivas junto à sociedade tanto no contexto da segurança pública quanto no contexto educacional. Pois sua temática é atual, mas ainda considerada pouco conhecida pela sociedade em geral e pelos profissionais da educação em específico, como aponta a literatura, principalmente levando em consideração a região norte.

Nas leituras que serviram de suporte teórico para esta pesquisa se pode perceber que a violência na escola é um fenômeno que abrange grande parte das escolas públicas brasileiras, não apenas as que se encontram situadas nas grandes capitais e nem as que se localizam em determinadas áreas consideradas perigosas ou abandonadas pelo poder público. Os estudos apontam diversas especificidades quanto a essa questão que perpassam de modo geral pela realidade de cada região ou localidade. Nesse sentido escolas tanto de centro como de periferia, situadas nas grandes capitais ou em cidades medianas podem apresentar registros de violências significativas.

No entanto, é importante mencionar que o abandono estatal que atinge muitas escolas pode contribuir sobremaneira para que a escola se torne mais suscetível a ataques externos como invasões, furtos, roubos e até mesmo para o cometimento de crimes contra a pessoa em suas dependências, como se constatou nesse estudo. Observa-se que muitas escolas públicas no Brasil apresentam essas características de abandono, com sinal de depredação, pichações, e estrutura física comprometida se tornando insalubres ao representarem perigo aos alunos e profissionais que ali desempenham suas funções.

Portanto a importância da produção de trabalhos científicos que abordem os vários vieses dessa temática são necessários, e podem trazer contribuições favoráveis ao campo da educação, e um olhar mais crítico a gestão da educação pública no país, no

intuito de fortalecer essa instituição basilar da sociedade - a escola, como se propôs o trabalho em tela.

Os artigos científicos 1 e 2, presentes nesta dissertação, serão submetidos a dois periódicos com Qualis Capes A2, no intuito de publicar as discussões levantadas neste estudo e contribuir de forma efetiva a produção científica relacionada ao tema estudado neste trabalho científico.

REFERÊNCIAS DO CAPÍTULO 1

ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Drogas nas escolas**. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2002.

ABRAMOVAY, M; AVANCINI, M. F. **A violência e a escola: o caso Brasil**, 2000. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265POR.pdf.>>. Acesso em: 02 out. 2018.

ABRAMOVAY, M. Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens/ Miriam/Abramovay, Mary Garcia Castro, Ana Paula da Silva, Luciano Cerqueira. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC, 2016. p. 97.

ADORNO, S. **A socialização incompleta: alunos delinquentes expulsos da escola**. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 1992. p. 125-134.

ARAÚJO, Amisley Guale; URNAU, Lilian Caroline. **Significados e sentidos da violência escolar para integrantes de uma unidade de ensino na Amazônia Ocidental**. Rondônia. 2016.

ARIÈS, P. **A História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro/ Guanabara: LTC, 2006.

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. **Estatística básica**. São Paulo: Saraiva, 2013.

CAMACHO, L.M.Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2000.

CANDAU, V. M; LUCINDA, M.C; NASCIMENTO, M.G. **Escola e violência. Rio de janeiro: DP&A**, 1999.

CERQUEIRA, T. C. S. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. **PSIC- Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 7, n.1, p. 29-38, jan./jun., 2006.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologia**, n. 8, p. 432-443, 2002.

CHARLOT, B. **O sociólogo, o psicanalista e o professor**. O impacto da psicanálise na educação. São Paulo: Avercamp, 2005.

CHAVES, F.M. R. Escola e violência sob a ótica da sociologia. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, UNISINOS/RS, v. 6, n. 12, 2014.

COLOMBIER, C. Da violência selvagem à violência simbólica In: COLOMBIER, C.; MANGEL, G.; PERDRIault, M. **A violência na escola**. São Paulo: Summus, 1989.

CRESWELL, J. W.; PLANO C. V. L. **Designing and conducting mixed methods research**. 2nd. Los Angeles: Sage Publications, 2011.

D'ÁUREA-TARDELI, D. PAULA, F. V.; **Violência na escola e da escola**: desafios contemporâneos à psicologia da educação. 2009.

DANIN, R. A.; CARVALHO JÚNIOR, J. G. Marielle Franco and The Medias Racism. **International Journal Of Development Research**, v. 08, p. 24084-24088, 2018.

DEBARBIEUX, É. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 163-193, 2001.

DEBARBIEUX, É. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, É.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: Unesco, 2002, p. 57-87.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

FALEIROS, E.; FALEIROS, V. **Escola que protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

FÁVERO, L. P. L., Belfiore, P. P., Silva, F. L. D., & Chan, B. L. **Análise de dados**: modelagem multivariada para tomada de decisões. São Paulo: Saraiva, 2009.

FERREIRA, P. C. G., e TADA, I. N. C. **Do boletim escolar ao boletim de ocorrência**: o que está acontecendo com as escolas?.2015

FIALHO, N. N. P., FERREIRA, J. D. L. P. **Violência na escola**: o olhar do pedagogo. opuc, 2011

FUKUI, L. Segurança nas escolas. In: ZALUAR, A. (Org.). **Violência e educação**. São Paulo: Cortez, 1992, p.103-124.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONTIJO D.T., JULIÃO C.H., KAPPEL V.B., Alves HC., Farinelli M.R. **Identificação e caracterização da violência escolar**: subsídios para ações de enfrentamento. O Mundo da Saúde. v. 37, n. 1, p. 16-24, 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. Brasília: MEC/INEP, 2014.

LIMA, M. C. **Monografia**. São Paulo: Saraiva, 2017.

LOPES, C.S.; GASPARIN, J.L. **Violência e conflitos na escola**: desafios à prática docente. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, Maringá, v. 25, n. 2, p. 295-304, 2003.

LOPES, E.L. A violência no contexto escolar: visão de professores de uma escola pública da cidade de Montes Claros-MG. **Motricidade**, v. 8, n. Supl. 2, 2012.

LUCAS, P. Pequeno relato sobre a cultura da violência no sistema escolar público em Nova York. Contemporaneidade e Educação, II (2): 70-95, 1997.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. São Paulo: Didática, v. 26/27, p. 149-158, 1990.

MARRIEL, L.C.; ASSIS, R.; OLIVEIRA, V.C. Violência escolar e autoestima de adolescentes. **Cadernos de pesquisa**, CLAVES/ FIOCRUZ/ RJ, v. 36, n. 127, p. 35-50, 2006.

MARTIN-BARÓ, I. **Psicología de la liberación**. Madrid: Editorial Trotta, 1998.

MEDRADO, H. I. P. **Depredation Scolaire**: le politique enmorceaux. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle. 1995

MEDRADO, H.I.P. et al. Formas contemporâneas de negociação com a depredação. **Cadernos Cedex**, São Paulo/ UNICAMP, ano XIX, n. 47, dez. 1998.

MILEO, M. B., BARP, W. J., SOUZA, J. L. C. D., e CARDOSO, L. F. C., (Orgs) **Segurança pública**: indicadores, conflitos, criminalidade e tecnologia da informação. Belém: GAPTA /Praia: Edições Uni-CV, 2016. 392 p.: il, 23 cm.

MOOIJ. T. Por la seguridad em la escuela. Revista de Educación, Madrid, n. 313, p. 29-51, maio/ago. 1997.

NASCIMENTO, I.; TRINDADE, M. Os significados da violência na escola para professores de escolas públicas de Belém. Travessias, v. 2, n. 2, 2008.

NUNES, M.F.R.; ABRAMOVAY, M. **Escolas inovadoras**: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. Brasília: Unesco; Fundação W. K. Kellogg; Unirio, 2003.

OLIVEIRA, É.C.S.; MARTINS, S.T.F. **Violência, sociedade e escola**: da recusa do diálogo à falência da palavra. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. 1, jan./abril, 2007, p. 90-98. Associação Brasileira de Psicologia Social/ Minas Gerais, Brasil.

ORTEGA, R.; MORA-MERCHÁN, J. **Agresividad y violencia**. El problema de la victimización entre escolares. Revista de Educación, Madrid, n. 313, p. 7-27, 1997.

PAIN, J. Os desafios da escola em face da violência e da globalização: submeter-se ou resistir. In: SILVA, J. M. A.; SALLES, L. M. F. **Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo**, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 7-26.

PARANHOS, R. et al. Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n. 42, p. 384-411, 2016.

PERALVA, A. **Violência e paradoxo brasileiro: democracia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

PERES, L. A. F. R. **Violência nas Escolas Públicas do Bairro Jurunas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Belém, 2016.

RISTUM, M. O Conceito de Violência de Professoras do Ensino Fundamental, 2001. Tese de Doutorado, Salvador: Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

ROAZZI, A.; LOUREIRO, C. & MONTEIRO, C.M.G. **Problemas Psicossociais e influências na prática da psicologia escolar: investigações sobre vandalismo no contexto da escola pública**. In: WECHSLER, S. M. (Org.). *Psicologia Escolar: pesquisa, formação e prática*. Campinas: Alínea, 1996.

RUIZ, F. M. **Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa: complementariedade cada vez mais enriquecedora**. Administração de Empresas em Revista, Curitiba, n. 3, p. 37-47, 2004.

RUOTTI, C. **Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade**. Educação e Pesquisa, São Paulo, USP, n.36, p. 339-355, 2010.

RUSS, J. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, SP: Scipione, 1994.

SANTOS, J.V.T. **A violência na escola, uma questão social global**. *Violencia, sociedad y justicia en América Latina*, p. 117 citation_lastpage= 133, 2001.

SANTOS, J.L.G. et al. **Integrating quantitative and qualitative data in mixed methods research**. *Texto & Contexto-Enfermagem*, (Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, v. 26, n. 3, 2017.

SEBASTIÃO, J.; ALVES, M.G.; CAMPOS, J. **Violência na escola: das políticas aos quotidianos**. *Sociologia, Problemas e Práticas*, ISCTE/Instituto Universitário de Lisboa, n. 41, p. 37-62, 2003.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A.A. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método**. *Organizações rurais & agroindustriais*, Universidade Federal de Lavras Minas Gerais, Brasil, v. 7, n. 1, 2011.

SPOSITO, M.P. **A instituição escolar e a violência**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 104, p. 58-75, 2013.

SPOSITO, M.P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 24-39, 2002.

SPÓSITO, M.P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** Educação e pesquisa, São Paulo. 27, n. 1, p. 87-103, 2001.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

ZALUAR, A. **Exclusão social e violência.** Violência e Educação. São Paulo: Cortez, 1992.

ZALUAR, A. **Um debate disperso:** violência e crime no Brasil da redemocratização. Revista São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.3, n13, p. 03-17, 2000. Históricos (Candau, 2001; Martín-Baró,1983/1997).

ZALUAR, A.; ALVITO, M. **Um século de favela.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

APÊNDICE I: ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM OS PROFESSORES DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE MACAPÁ, NO ESTADO DO AMAPÁ.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM SEGURANÇA PÚBLICA**

QUESTIONÁRIO SOBRE A PERCEPÇÃO DOCENTE ACERCA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

APRESENTAÇÃO: O presente questionário possui questões abertas e fechadas que versam sobre questões sociodemográficas, a percepção do professor acerca da violência na escola, os tipos de violências que se dão no espaço escolar, a relação professor aluno e a relação do professor com a docência.

DADOS PESSOAIS E SOCIODEMOGRÁFICOS

- 01.(a)Qual a sua idade? _____ (b) Sexo Masculino () Feminino ()
02. Qual seu estado civil? Solteiro/a () Casado/a ()Relação estável ()
03. Você é concursado/a há quantos anos?
Até 05 anos () entre 05 e 10 anos () mais de 10 anos ()
04. Qual seu grau de escolaridade?
Ensino médio () Superior completo () Superior incompleto ()
05. Você possui Pós-graduação? Sim () Não ()
Se Sim, qual? Especialista () Mestrado () Doutorado ()
06. Você trabalha como professor/a na Educação Básica há quantos anos?
07 anos () Entre 05 e 10 anos () Mais de 10 anos ()
08. Você trabalha como Professor em outra Instituição? Sim () Não ()
Se Sim, Pública () Privada ()
09. Qual a sua carga horária total? _____
10. Você gosta da sua profissão? Sim () Não () Em parte ()
11. Como você classifica a relação com seus alunos?
Bom () Muito bom () Ótimo () Razoável () Ruim
12. Você já pensou em mudar de profissão? Sim () Não () Algumas vezes ()
13. Se sim, por que motivo?
Desvalorização () Salário () Insegurança na escola () Insatisfação ()
Outros: _____

PERCEPÇÃO SOBRE A VIOLÊNCIA

01. O que você considera violência na escola?

Comunicação agressiva () Atitudes grosseiras () Agressão física () Depredação ()

Outros: _____

02. Pra você, quais motivos poderiam causar a violência na escola?

Desestrutura Familiar () Falta de diálogo na escola () Período da adolescência ()

Envolvimento com drogas () Envolvimento com o crime ()

Outros: _____

03. Você já sofreu violência por parte dos alunos? Sim () Não ()

Se não, siga para questão de número 20

04. Se sim, que tipo de violência? Verbal () Física () Psicológica () Ameaça ()

05. Se ameaça, qual o tipo de ameaça? _____

06. Se Verbal, que tipo de violência?

Palavrões () Insulto () Xingamento () Grito () Grosserias ()

Outros: _____

07. Se psicológica, qual?

() Humilhação () Ameaça () Constrangimento () Perseguição () Chantagem

() Limitação do direito de ir e vir () Outros: _____

08. Se violência física, qual o tipo? Chute () Tapa () Soco () Empurrão ()

Outro: _____

09. Se você já sofreu violência qual foi a causa da violência?

10. Quando foi vítima de violência o senhor/a comunicou a direção da escola?

Sim () Não ()

11. Se sim, a denúncia produziu algum resultado? Sim () Não ()

Se sim, Qual? _____

12. Se não comunicou, qual o motivo?

Medo () Descrédito na Instituição () Descaso com a violência sofrida () você mesmo resolveu () outro/s ()

13. Você fez a denúncia sobre a violência sofrida a outro/s órgão/s externos a escola?

Qual? _____

14. Se sim, a denúncia produziu algum resultado? Qual?

15. Se não fez a denúncia ou não procurou ajuda, foi por qual razão?

Medo () Falta de tempo () Descrédito () Outro/s ()

16. Você permaneceu na escola mesmo após ter sofrido violência? Sim () Não ()

17. Se sim, Por quê? Falta de opção () Medo de mudar () Não teve oportunidade

Outro: _____

18. A violência sofrida afetou sua saúde? Sim () Não ()

Se sim, Física () Psicológica () Ambas ()

19. Após sofrer violência, você apresentou um desses sintomas?

Medo () Ansiedade () Agitação () Depressão () Insônia () Pânico () Dor no corpo () Outro/s ()

20. Você não sofreu violência na escola, mas já presenciou? Sim () Não ()

21. Se sim, qual local onde ocorreu a violência? Na escola () No entorno da escola

() Na quadra () outro local () Qual?

22. A violência presenciada no seu trabalho ocorreu entre:

Professor e aluno () Professor e funcionário () Professor e Professor () aluno e
Funcionário () Outros ()

23. Qual tipo de violência é mais presente na escola em que trabalha?

Verbal () Física () Psicológica () Ameaça ()

24. Na escola em que trabalha existe casos de alunos com envolvimento com drogas? Sim () Não ()

25. Na escola em que trabalha existe violência entre alunos? Sim () Não ()
Normalmente () Raramente ()

26. Após presenciar a violência, você apresentou um desses sintomas?

Medo () Ansiedade () Agitação () Depressão () Insônia () Pânico () Dor no
corpo () Outro/s ()

27. Você se sente seguro/a no seu ambiente de trabalho? Sim () Não () Pouco ()
Muito () Razoável ()

28. Você acha necessária a presença do Policiamento Escolar? Sim () Não ()

Se Sim, Dentro da escola () Fora da escola () Ambos ()

29. Você se sente seguro/a com o Policiamento Escolar? Sim () Não ()

APÊNDICE II: PRODUTO DA DISSERTAÇÃO.

Trabalho apresentado no II Congresso Internacional de Segurança e Defesa/II CISD
Período de 06 a 09 de novembro de 2018/Salvador-BA.

Objetivo: Promover ampla discussão, reflexão e troca de conhecimentos sobre novas metodologias, tecnologias, inovações, estratégias e diretrizes para um melhor planejamento na área de Segurança Pública, Justiça, Conflitos e Cidadania.

Público Alvo:

- Alunos, professores e pesquisadores interessados em Segurança e Defesa;
- Público interessado nos temas propostos;
- Profissionais que trabalhem na linha de pesquisa Políticas, Gestão, Direitos Humanos, Criminalidade e Tecnologia da Informação.

Abrangência: A segurança pública é operacionalizada com base em discussões científicas, políticas, e na ênfase para encontrar novos meios, técnicas e mudanças de ações visando a melhoria do bem estar da população, portanto, o **2º Congresso Internacional de Segurança e Defesa – CISD** promovido pelas Universidades Uni-CV, UFBA, UFPA, UEA, UERR, UVV e UAL, vem procurando por meio de seus Programas de Pós-Graduação em Segurança Pública, Direito e Relações Internacionais discutir em conjunto com a sociedade os novos caminhos da Segurança Pública e Defesa das Fronteiras Internacionais, sendo que no **2º CISD** reuniu autoridades locais, regionais, nacionais e internacionais, as Organizações Não Governamentais - ONG's, comunidade científica e a população em geral para juntos, a partir de seminários, palestras e oficinas, contribuir de forma concreta na busca de soluções aos graves problemas no âmbito da Segurança e Defesa, mais especificamente debatendo CIDADES, CRIMINALIDADES, TECNOLOGIAS E DIVERSIDADES, de acordo com a realidade dos países envolvidos neste evento científico.

Descrição do produto desenvolvido:

- Título do Trabalho: **Novos Tempos na Escola: A violência escolar nos municípios de Macapá e Santana no Estado do Amapá, Brasil.**

- Apresentação: A violência escolar é considerada um fenômeno mundial, que se materializa por atos como: vandalismo, ameaças, agressões físicas, verbais e psicológicas ocorridas entre pares, e destinadas também a professores, gestores e funcionários no exercício de suas funções, e ocorre tanto no interior da escola como em seu entorno (Stelko-Pereira e Williams, 2010).
- Métodos: Análise exploratória dos dados; Teste estatístico de Qui-quadrado.
- Coleta de dados: Registros do Comando Geral da Polícia Militar do Estado do Amapá, por meio do Boletim Estatístico N° 017/2017-DE/DOP/PMAP gerado na Divisão de Estatística/Diretoria de Operações/Polícia Militar do Amapá, e Centro Integrado de Operações e Defesa Social (CIODS).
- Resultados: Os resultados apontaram que o policiamento escolar no Estado do Amapá, realizou diversas ações de combate e prevenção da violência nas escolas públicas dos municípios de Santana e Macapá, no Estado do Amapá, em 2017. Porém, estas ações não foram suficientes para diminuir a incidência da criminalidade nas escolas, mesmo com apreensão de armas e drogas no ambiente escolar.

literatura. Discussão, especulação e interpretação detalhada dos dados não devem ser incluídos nos Resultados, mas devem ser colocados na seção Discussão.

Aplique

A **discussão** deve interpretar os resultados em vista dos resultados obtidos neste e em estudos anteriores sobre este tópico. Declare as conclusões em algumas frases no final do artigo. As seções Resultados e Discussão podem incluir subtítulos e, quando apropriado, ambas as seções podem ser combinadas.

Os **agradecimentos** de pessoas, subvenções, fundos, etc, devem ser breves.

As tabelas devem ser reduzidas ao mínimo e projetadas para serem o mais simples possível. As tabelas devem ser digitadas em espaço duplo, incluindo títulos e notas de rodapé. Cada tabela deve estar em uma página separada, numerada consecutivamente em algarismos arábicos e fornecida com um cabeçalho e uma legenda. Tabelas devem ser autoexplicativas sem referência ao texto. Os detalhes dos métodos usados nos experimentos devem preferencialmente ser descritos na legenda em vez de no texto. Os mesmos dados não devem ser apresentados em forma de tabela e gráfico ou repetidos no texto.

Legendas de figuras devem ser digitadas em ordem numérica em uma folha separada. Os gráficos devem ser preparados usando aplicativos capazes de gerar GIFs de alta resolução, TIFF, JPEG ou PowerPoint antes de colar no arquivo de manuscrito do Microsoft Word. Tabelas devem ser preparadas no Microsoft Word. Use algarismos arábicos para designar figuras e letras maiúsculas para suas partes (Figura 1). Comece cada legenda com um título e inclua descrição suficiente para que a figura seja compreensível sem ler o texto do manuscrito. Informações dadas em legendas não devem ser repetidas no texto.

Referências: No texto, uma referência identificada por meio do nome de um autor deve ser seguida da data da referência entre parênteses. Quando houver mais de dois autores, apenas o nome do primeiro autor deve ser mencionado, seguido por "et al.". No caso em que um autor citado tenha tido dois ou mais trabalhos publicados durante o mesmo ano, a referência, tanto no texto como na lista de referências, deve ser identificada por uma letra minúscula como 'a' e 'b' após o data para distinguir os trabalhos.

Exemplos:

Abayomi (2000), Agindotan et al. (2003), (Kelebeni, 1983), (Usman e Smith, 1992), (Chege, 1998; Chukwura, 1987a, b; Tijani, 1993, 1995), (Kumasi et al., 2001)

As referências devem ser listadas no final do artigo, em ordem alfabética. Artigos em preparação ou artigos submetidos para publicação, observações não publicadas, comunicações pessoais, etc. não devem ser incluídos na lista de referências, mas devem ser mencionados apenas no texto do artigo (por exemplo, A. Kingori, Universidade de Nairobi, Quênia, comunicação pessoal). Os nomes dos periódicos são abreviados de acordo com o Chemical Abstracts. Os autores são totalmente responsáveis pela exatidão das referências.

Exemplos:

Ogunseitan OA (1998). Método de proteína para investigar a expressão gênica da redutase mercúrica em ambientes aquáticos. Appl. Environ Microbiol. 64: 695-702.

ANEXOS II: (Diretrizes para submissão de artigos para a revista científica Educar em Revista)

Área de Avaliação: INTERDISCIPLINAR; ISSN: 0104-4060; Título: EDUCAR EM REVISTA; Classificação: A2.



INSTRUÇÕES AOS AUTORES

- [Scope and policies](#)
- [Format and preparation of manuscripts](#)
- [Manuscripts Submission](#)

Scope and Policies

Educar em Revista publishes original articles on education and related areas. It aims at approaching current and relevant issues in order to understand educational phenomena, and it accepts papers directly related to the Education field, with the following requirements:

I - They must be unpublished, that have never been published in other journals or in proceedings of events, except for translations properly authorized;

II - They must be written in one of these languages: Portuguese, English, Spanish, French, German or Italian;

III - They must be only by doctorate degree researchers, limited by two authors for each article;

IV - They must contain investigation results on the Educational field, highlighting goals, procedures and analyses explicitly, and they must not take the form of mere reports of experiences or bibliographic reviews;

V - They must apply format aspects indicated at [Instructions to Authors](#).

Editorial policy: The texts published are author's full responsibility.

Issues of Interest: Education (Educational Fundamentals; Educational Management; Planning and Educational Evaluation; Teaching-Learning; Learning Evaluation; Curriculum; Specific Topics on Education).

Peer review: Received texts will be sent to two national or international *ad hoc* reviewers, with a doctorate degree and a recognized production in the evaluation field. The anonymity of authors and reviewers will be preserved during the whole communication process at Sistema Eletrônico de Revistas. The report is a short text with considerations on submission, which is recorded in the system. The final report must be: a) Accepted; b) Obligatory corrections; c) Submit again for evaluation; d) Send to another journal; e) Reject; f) See comments. In case there are diverging reviews, the article will be sent to a third expert.

Journal readers: Researchers of education and related areas, teachers from various levels of teaching, graduation and post-graduation students.

Format and preparation of manuscripts

The articles submitted to *Educar em Revista* will be sent to *ad hoc* reviewers, with a doctorate degree, who will evaluate the importance of the addressed issue to the Educational field; the organization of the text structure and of the bibliographic references; the articulated, unified text production, proper to academic writing; in addition to general issues related to the study focus and the theoretical and methodological appropriations found in the article. Articles must apply, necessarily, the format aspects listed below:

I - Agreeing with the [Focus and Scope](#) of the journal;

II - Maximum extent of 18 (eighteen) pages, including title, abstract/*resumo*, keywords/*palavras-chaves*, pictures, tables and bibliographic references;

III - Abstract with a maximum of 230 (two hundred and thirty) words in Portuguese and English, and if necessary, also in a specific language (French, Spanish, etc.);

IV - Maximum of 05 (five) keywords in Portuguese and English, and if necessary, also in a specific language;

V - Text file format ".doc", written in *Times New Roman*, size 12, 1,5 line spacing, A4 paper size, margins of 2,5cm and page numbers at the bottom right corner;

VI - Identification at the top of the page, in bold, which is the title of the article in Portuguese and English, and if necessary, also in a specific language. In case of research funding, the funding institution must be mentioned in a footnote;

VII - Bibliographic references must follow the [Manual de Normalização de Documentos Científicos](#), according to ABNT rules, observing that titles of books and documents must be italicized, such as the examples below:

SURNAME, First Name. *Title*: subtitle. Edition. City: Publisher, Year. (Collection Title).
SURNAME, First Name. Chapter Title. In: SURNAME, First name. *Book Title*: subtitle. City: Publisher, Year. Pages.
SURNAME, First Name. Article title. *Periodical Title*, Volume, Number, Pages, Year.
SURNAME, First Name. *Title*: subtitle. City, Year. Available at: <complete electronic address>. Access: 15 dec. 2015.
SURNAME, First Name. *Title*: subtitle. Thesis or Dissertation on (Program Subject), Institution, City, Date.

VIII - *Educar em Revista* adopts procedures to avoid conflicts of interest during the evaluation phases of the submitted articles. In order to prevent authors' identification, do not mention the author's name explicitly in the body text, footnotes or quotes. We suggest the use of the format "XXX" instead of the author's name and of the book or document title. In case of publication approval, our editorial personnel will contact you to recover the anonymous information.

IX - Footnotes must be used to absolutely necessary information. It is not permitted to use bibliographic footnotes, and you must identify the references in the body text, such as: (SURNAME, Year, Page).

X - Pictures and tables (300 DPIs) must be sent in the body text. At the top, you must indicate the number and title (Ex.: Figure 1 - Educational Policies Table). You must indicate the source at the bottom (Ex.: Source: Afro Brasil Museum's Collection) and, if necessary, explanatory texts with a maximum of 03 (three) lines.

Educar em Revista keeps the right of not publishing articles of the same author in periods of time shorter than 02 (two) years. The editors keep the right of not accepting the article in which corrections were required, in case they do not respond the demands by the reviewers. The publication of articles must follow the format rules adopted by the journal.

Address for correspondence:
Educar em Revista
Universidade Federal do Paraná
Rua General Carneiro, 460, 1º andar, sala 102
80.060 - 150 - Curitiba - PR - Brasil
E-mail: educar@ufpr.br

Manuscripts Submission

Educar em Revista accepts unpublished articles that are related to education, in Portuguese, Spanish, French, English, German or Italian. Texts should be submitted to **Educar em Revista** by SER - Sistema Eletrônico de Revistas ("Electronic Journals System") at: <<http://revistas.ufpr.br/educar>>. Select "Cadastro" ("Register"). Each article must have a maximum of 18 (eighteen) pages, including bibliographical references, illustrations, graphs, maps and charts. Abstract, in the article's language and in English, of a maximum of 230 (two hundred thirty) words. It must have a maximum of five keywords in the article's language and in English. Text in Word for Windows following these instructions: Times New Roman letters, size 12, 1,5 spaced lines, A4 sheet size, 2,5 cm margin size.

[\[Home\]](#) [\[About the Journal\]](#) [\[Editorial Board\]](#) [\[Subscription\]](#)

All the content of the Journal is licensed under a [Creative Commons License](#)

Educar em Revista
Setor de Educação - Campus Reboças - UFPR
Rua Rockefeller, nº 57
2.º andar - Sala 202
Reboças - Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80230-130

educar@ufpr.br